

ANO II
Cr\$ 1,00
NÚMERO 48
SEXTA-FEIRA
3-9-48

MOMENTO *feminino*



ROSETTA LONGO

é uma lutadora pela paz e felicidade de seu povo. Secretária Geral da União de Mulheres Italianas e Deputada pelo Partido Socialista teve um papel relevante no último Congresso de Mulheres, em Roma

A CAMPANHA DA CRIANÇA



O problema da mortalidade infantil cresceu tanto, tornou-se tão agudo que encheu a vida da cidade. As crianças famintas expostas nas ruas, de mãos estendidas, clamam justiça. Não há lactários nem creches. Não há leite nem dinheiro para comprá-lo. As mães deixam de saudar com alegria o pequenino que vai nascer, diante do terror de não ter como alimentá-lo, de não poder fazê-lo viver, os pediatras reclamam, reclamam os pais e as mães. De tudo isso e por tudo isso, um grupo de senhoras resolveu promover uma campanha financeira pró infância. Há uma semana que os rádios, os volantes e as faixas indicam que essas senhoras precisam de cinco mil contos (cinco milhões de cruzeiros) para a fundação de um organismo de defesa da criança brasileira.

Que querem elas? reunir fundos a serem distribuídos entre as instituições de assistência à maternidade e à infância. Em todos os Estados se processam movimentos idênticos. Nesta capital — dizem os jornais — a campanha financeira promete ultrapassar a estimativa prevista.

MOMENTO FEMININO, desde seu primeiro número, vem se batendo pela criança brasileira. Salvemos nossos filhos. O pequenino brasileiro precisa viver! E por isso mesmo, **MOMENTO FEMININO** aplaude tudo que for feito, no Brasil, em defesa das crianças. Mas para nós, mulheres que vivemos ao contacto direto com a vida o problema se apresenta mais complexo: como cinco milhões de cruzeiros poderão, pelo menos, melhorar o problema da criança? Como se eles não bastarão para a criação de milhares de creches e lactários, necessários à vida de uma cidade? Como, se no campo a vida primitiva e miserável não será solucionada ou amenizada? E o problema da criança — sabemos — é também o problema dos pais. Como, filhos fortes de mães famintas? Como, crianças sadias se o salário do pai estacionou há muito tempo, e o que ele ganha não dá, em absoluto, para manter um filho? Como ter crianças sadias se a crise de habitação não é resolvida? Se o preço do leite cresce, se os gêneros mais necessários tornam-se "artigos de luxo"? Como ter crianças sadias sem aumentar o salário paterno ou materno? Como ter crianças sadias sem que a mãe trabalhadora tenha assegurado seus direitos ao trabalho e à maternidade?

Apoiamos e apoiaremos todos os movimentos, tôdas as obras, tudo que disser respeito à vida de crianças, tudo que terminar com a fome dos pequeninos. Como fazer? Convidando nossas amigas a tomar parte em todos os movimentos que surjam, em tôdas as organizações que defendam a criança brasileira e apresentando clara e honestamente o problema central que os papas e as mães ganhem mais pois que assim poderão melhor alimentar os seus filhos.



A 28 de agosto fazia anos Laura Brandão.

Poetisa, escritora, batalhadora social, Laura foi, sobretudo uma grande apaixonada pelos filhos, amando-os desveladamente, dando-lhes o melhor de seu amor e carinho.

Laura escreveu quatro livros de versos: — "Poesia" (1915), "Imaginação" (1916), "Meia dúzia de fábulas" (1917) e "Serenidade" em 1918.

Foi uma batalhadora inteligível pelas reivindicações femininas e populares, sendo uma das organizadoras do Comitê de Mulheres Trabalhadoras organismo de defesa da mulher criado em 1928 aqui no Distrito Federal.

O nome de Laura Brandão é uma expressão do valor intelectual, moral e político da mulher brasileira.

PELA PAZ

De semana em semana ENEIDA

Nesta nossa cidade o frio voltou depois de uma semana de verão, quando toda gente já falava mal do inverno, uma estação que não cumprira seu desideratum. Os problemas da cidade, esses, continuam vivos, sem que haja interesse nos governantes para solucioná-los ou mesmo acalmá-los.

Mas, o mais impressionante e mais vivo, o mais elegante dos fatos desta semana foi, incontestavelmente, a reunião na Polónia, escritores, artistas e sábios do mundo inteiro pela Paz. O Congresso Internacional pela Paz e Irritou os defensores da guerra, os forjadores das desgraças dos povos. Porque o Congresso para a Paz reuniu tudo que há de bom e grande em inteligência para debater a vida, a dignidade e o futuro dos povos. Não foram intelectuais analisando apenas suas obras, sua independência e sua liberdade, coisas que só a Paz constrói.

Foram homens de várias nacionalidades, homens de ciência e de saber, poetas, escritores e cientistas mostrando ao mundo que eles são povo e que, por isso mesmo, defendem com suas armas a dignidade e a liberdade dos povos. A mulher também fez parte integrante dessa grande reunião e várias foram as delegadas de países, entre elas Irene Joliot-Curie, a grande democrata francesa, eleita segundo presidente do Congresso.

No Brasil dois fatos saudaram o Congresso da Polónia: a conferência da senhora embaixatriz da Polónia realizada no Hamarati sob o título: "A mulher na Paz e na guerra". Em linguagem simples e doce foi ela contando a guerra, suas calamidades, seus horrores e contando a Paz, a reconstrução de sua pátria, a necessidade da Paz para os povos. Ninguém falaria melhor que essa mulher que perdeu um filho num campo de concentração, nos problemas tão graves da guerra, na ambição tão justa da Paz.

As mulheres do Instituto Feminino pelo serviço construtivo e as do Comitê de Mulheres pró Democracia iniciaram a grande campanha feminina brasileira pela Paz. Promoveram uma conferência e dirigiram à O. N. U. um memorial expressivo.

Enquanto no mundo inteiro a Paz ocupa no coração dos homens e das mulheres um lugar que deve ser mantido a todo preço, enquanto isso, os forjadores da guerra, os cúpidos e aventureiros criadores do terror vão espalhando mentiras e fabricando canhões.

Que importa esse frio se dentro de nós, está acesa e quente a chama da Paz? Lutar por ela é manter em nós a consciência da própria vida.

Devido a Organização das Nações Unidas reunir-se em Paris, possivelmente, na segunda quinzena de setembro, as associadas do Comitê de Mulheres Pró Democracia e do Instituto Feminino de Serviço Construtivo enviarão nestes próximos dias aquela entidade, a mensagem "EM DEFESA DA PAZ". Assim, centenas de assinaturas de mulheres democratas brasileiras contribuirão para o estabelecimento da Democracia e da Paz no mundo inteiro, subscrivendo palavras vigorosas de fé na vitória dos que lutaram contra o Fascismo e dos que ainda combatem o seu ressurgimento.

Como já anunciamos, o I.F.S.C. e o C. M. P. D. comemoraram em Alto Público na A.B.T. a 18 do corrente, a instalação da CAMPANHA PRO PAZ no Brasil, tendo sido realizada, na ocasião, magnífica Conferência pela poetisa pátria Nair Batista sobre VULTOS FEMININOS NA DEFESA DA PAZ e em que foram salientadas, com brilhantismo, as personalidades combativas de George Sand e Flora Tristan que souberam superar as mulheres de sua época vivendo

Mensagem das mulheres brasileiras

Mulheres brasileiras louvando a ação inestimável do CONGRESSO MUNDIAL DE INTELLECTUAIS e como participantes do movimento



social progressista de seu país, vêm solidarizar-se com os intelectuais presentes a tão importante conclave para a coordenação imprescindível de todos os esforços dos homens e mulheres anti-fascistas, na obra de fortalecimento da Democracia e da

maior confiança na sobrevivência das forças criadoras do Trabalho e do Progresso.

Saudando, em particular, entre outros, os intelectuais pátrios: a licenciada em filosofia Henda Rocha Freire; a jornalista Zora Braga, a pianista Ana Stela Schio; o romancista Jorge Amado; o arquiteto Oscar Niemeyer; os pintores Cândido Portinari e Carlos Scliar; o compositor Cláudio Santoro; o pianista Arnaldo Estrela; os críticos Tristão de Atayde, Alvaro Lins e Paulo Emilio Gomes; o escultor Vasco Prado; o licenciado em filosofia Alberto Castiel; o poeta Manoel Bandeira; o físico Mário Schemberg, as associadas do Comitê de Mulheres Pró Democracia e Instituto Feminino de Serviço Construtivo, congratulam-se com os lidos representantes do mundo cultural, ora reunidos em Wroclaw, na Polónia, augurando a mais completa e vitoriosa realização dos seus altos objetivos na defesa da Paz e da Liberdade!

Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1948. — Maria Diana M. Brito, presidente — Elza do C. Loureiro, secretária geral.

Assembléa em família

Narizinho balança as perninhas finas a ponto de se enrolarem uma na outra. É um tico nervoso que ela pegou depois da morte do velho. A um canto, D. Benta escora o queixo com a mão esquerda e com a direita belisca os fiapinhos da saia. Só o Marquez de Rabicó tem um ar solene, que é dele mesmo e não da gravata preta que fez questão de usar, contra a vontade de Narizinho. Ela e D. Benta são radicalmente contra o luto — "luto a gente traz na alma e não na roupa" responderam a uma vizinha admirada, que ainda usa chorões, quando lhe morre alguém. É verdade que, por respeito ao morto, também não vão usar vermelho nem cor de rosa, que isso havia de parecer até uma afronta. Apenas estão de claro: Narizinho com um vestido branco, lavado, e D. Benta com uma saia de flanela cinza e uma batinha de pingo azul, já desbotando. O Marquez deu agora para fumar; Narizinho aceitou aquele vício em homenagem ao padrinho, que não tirava o cigarro de palha da boca. Podia até ser um legado espiritual, para que um costume dele ficasse vivo, como atenuante dessa saudade que não pode morrer nunca. O Marquez tira do bolso o pedaço de fumo de corda bem forte, o canivete, a palha e começa a trabalhar no seu cigarro; de quando em quando abana orabinho. Batem na porta. Na-

zinho assusta-se, levanta-se e vai ver quem é. É Emilia. Entra, senta-se e entra logo no assunto. Então o Marquez vai até a cozinha, acende o cigarro num tição e, de volta, responde, medindo as palavras, a voz de baixo profundo, vagarosa:

— Estou de acôrdo, mas temos de agir com muito tato nessa questão. Vocês compreendem, são as conveniências sociais...

— Ora bolas com as suas conveniências, "responde Narizinho, torcendo a cara. Essa tem sido a constante desarmonia entre eles; Narizinho é creatura do povo, o que tem a dizer diz mesmo na lata das pessoas e não há meios de aceitar as formalidades do Marquez; e embirra com aquela mania que ele tem de querer sempre "atender às conveniências sociais".

— Se ele estivesse aqui o Marquez agora saia com "um quente e dez fervendo" resmunga D. Benta no seu canto e, depois, com voz mais alta e seca para que todos ouçam — "Ele não era homem de conveniências, Marquez" e dito isto enrola os fiapos que tem na mão, olha distraída a pelotinha e a seguir atira-a para os lados do Marquez; ainda bem que ele não percebe o desafio. E D. Benta continua beliscando a flanela.

— Vovó a senhora tura a saia" censura Narizinho, que anda agora uma pilha de nervos.

— Tenha calma, menina", repreende Emilia, já de pé no meio da sala. "Acho que estamos perdendo muito tempo", diz ela "e hoje precisamos resolver esse assunto". E enquanto fala, vai ganhando entusiasmo. "É claro que estamos todos comovidos com a idéia do monumento. A intenção que tiveram toca até um coração de pedra, mas é preciso ver se mudamos o objeto dessa homenagem. Fazer alguma que possa agradá-lo de verdade e que, se ele a puder ver do lugar onde está, sorria, alegre, feliz. Um monumento é muito bonito, mas é uma imponência que fica encravada a vida inteira no tempo, sem render nada de útil,

ANÉSIA ANDRADE DE LOURENÇÃO

miuda, que ele quiz com tanta afeição. Que beleza se houvesse em cada um dos 21 Estados do Brasil uma "Casa" ou "Lar Monteiro Lobato", para crianças órias ou — pior do que isso — jogadas na rua pelos próprios pais. Sem luxo, simples, apenas com carinho para todos. Podem argumentar que no momento se gasta dinheiro uma vez só e que uma casa dessas não se mantém com prosa. Mas aí é que estaria a vida e a beleza da homenagem. A manutenção ficaria a cargo das próprias crianças; se cada uma delas concorresse, vamos dizer, apenas com um cruzeiro por

nos cinco creanças por ano em cada Estado, no fim de um ano teríamos recuperados 110; e em cada dez anos restituir ao Brasil 1.100 creaturinhas sadias, fortes, era a maior homenagem a quem tanto se preocupou com a miséria, a doença e a ignorância do seu povo". Emilia traça um plano para a família: cada um deles deve, de início, lançar em determinado setor a iniciativa da modificação da homenagem, na forma. Esses setores, por sua vez, vão se comunicando com outros, até abranger a população em todas as suas classes. Ao Marquez coube se entender com os que tem

POETA E PATRIOTA

Fernando Segismundo

Antônio Gonçalves Dias não foi somente o extraordinário cantor do "Y-Juca-Pyrama" ou das "Sextilhas de Frei Antão". Foi, também, um grande estudioso de nosso passado, notadamente da etnografia indígena. De nossos poetas, poucos, como ele, exceto, talvez, Bilac e um ou outro mais, tiveram formação intelectual tão sólida e tanto foram ampliando seus conhecimentos pelos tempos a fora.

• Começando a vida como simples caixeiro da casa comercial paterna, o futuro vale da "Canção do exílio" em Coimbra, onde concluiu os cursos secundário e superior, vindo a exercer a advocacia na cidade natal — Caxias (1845). Aos 23 anos entregou ao prelo os "Primeiros cantos", aos 24 o drama "Lêonor de Mendonça", e aos 25 as "Sextilhas de Frei Antão" — verdadeiro "movimento de erudição filosófica", no dizer do conego dr. Fernandes Pinheiro, em cujo prefácio para as "Poesias" do poeta maranhense fomos buscar estes dados. Na província exerceu o magistério do latim, disciplina que juntamente com a história pátria, também, ensinaria no Colégio Pedro II, da Corte.

Comissionado pelo Governo foi observar o estado da instrução pública em várias províncias do Norte. Em 1855 partiu para a Europa — ainda a expensas do Governo — a fim de estudar a situação do ensino e, de volta, sugerir medidas para a melhoria da instrução entre nós. Percorreu Portugal, França, Inglaterra e Alemanha, redigindo, após, relatórios de sua missão — ao que parece jamais divulgados.

Data de 1857 o "Dicionário da língua tupi, chamada língua geral dos indígenas do Brasil". Ainda a serviço do Estado foi estudar o rio Amazonas, sobre cujas riquezas naturais e habitantes primitivos escreveu várias monografias apresentadas ao benemérito Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Graças às observações colhidas nessa viagem compôs a obra "O Brasil" e a "Oceania", publicadas,

póstumamente, pela Livraria Garnier. E' acêrea deste trabalho de Gonçalves Dias que desajamos escrever umas poucas palavras.

N' "O Brasil" e a "Oceania", aquêle a quem Bilac chamaria "o maior poeta de nossa terra", estudou minuciosamente o estado físico, moral e intelectual dos indígenas das duas terras ao tempo do respectivo descobrimento, a fim de avaliar as probabilidades que ambos ofereciam de catequese ou colonização. Fê-lo apoiado em considerável soma de conhecimentos hauridos nas melhores fontes do passado e da época, tais Ferdinand Denis, Barredo, Magalhães Gandavo, D'Orbigny, Spix, Martins, Levy, Southey e outros. E a conclusão a que chegou foi a da Superioridade do selvagem brasileiro — o mesmo selvagem que ele tanto explicou nas "Poesias americanas".

Concluindo sua obra erudita, o poeta pediu a atenção diligente do Governo para a catequese de uma "raça que mais merece comiseração do que louvor", coidando as violências dos colonizadores, quer portugueses no Brasil, quer holandeses e ingleses na Oceania, que "não conseguiram mais do que tornar odiado o nome europeu pelos indígenas destas diferentes partes".

Antônio Gonçalves Dias era, pois, além do maior poeta do seu tempo, conhecedor profundo de sua pátria e de sua gente, trabalhador infatigável, naturalista, mestre, teatrólogo, filólogo, poliglota. E, acima de tudo, era um participante da luta contra os erros e as misérias da colonização, isto é: um defensor da causa humanitária, solidário com seus semelhantes, pretos ou brancos, selvagens ou civilizados.

Sua figura avulta ainda mais, e desmedidamente, se o compararmos a muitos dos intelectuais de hoje, satisfeitos com as glórias dos elogios fáceis e incapazes, sequer, de protestarem contra a penúria e a chafaina que está sendo submetido o povo brasileiro, a mando dos novos colonizadores — os americanos do Norte.



realmente. Tem um sentido espiritual, é verdade, mas de fundo estético, apenas. E ele sempre se bateu por tudo quanto tivesse também sentido humano. Vocês se quando quiseram homenageá-lo com a candidatura dele para a Academia, como agradeceu e recusou? É difícil a gente entender um vivo tão pouco vaidoso se transformar num morto glorificado em bronze. Em lugar do monumento, podia surgir uma Casa para crianças abandonadas, uma Escola, uma Creche, ou uma Biblioteca Infantil, com o nome dele. Quem tanto se lamentava de não ter dado mais tempo da sua vida ativa às crianças, ha de ficar bem contente se puder ver que os que ficavam, na hora da sua partida, conseguiram arrancar da morte o humus de sua inteligência, para fertilizar uma idéia em benefício dessas mesmas crianças. Numa instituição assim é que ele pôde continuar, cada vez mais vivo, entre essa gentinha

mês, quanto não se arranjará? E o que é um cruzeiro para quem gasta tantos em Chica-Bom, em cinema, em caramelos, em jornais infantis? As mães podiam sugerir aos filhos uma gulodice ou um divertimento a menos por mês, e com isso a futura Caixa "Pró Infância" Monteiro Lobato iria se enchendo, enquanto sentimentos novos nasceriam no coração dessa creanchada doadora e ela também, no futuro, seria salva por si mesma, pela própria generosidade, a tempo encaminhada..." Emilia parou. D. Benta disse que era isso mesmo, que o egoísmo é a broca que deu no coração da gente de hoje. Narizinho, fungando, foi buscar um lenço e o Marquez, pensativo, esqueceu o cigarro entre os dedos. E quando Emilia pediu a sua opinião, ele limpou a garganta e respondeu que estava inteiramente de acôrdo. Depois, para provar que era bom matemático, fez um cálculo: "se se recuperasse, por exemplo, ao me-

possibilidade de falar aos outros pelas revistas e jornais. Encontrei-me com ele no interior de São Paulo e me pediu que desse uma sugestão; estando na moda as "correntes", sugeri que ele estabelecesse uma "cadeia dos intelectuais" para escreverem nesse sentido e prometi que a minha contribuição seria pedir o apoio das mulheres. E aqui estou cumprindo o prometido e falando principalmente às mães, por que elas melhor do que as outras podem avaliar o que é que é a vida e qual poderá ser o destino de uma criança abandonada, feita da mesma carne humana, soerguida de entre os irracionais pelo mesmo sopro divino do espírito que marca os seus filhos — essas crianças bonitas que ficam ao seu lado enquanto tem estas linhas ou, bem nutridas, estão no colégio, à espera de mão segura que as conduzem, salvas, à casa.

Maria Andrade Lourenção

A mulher na defesa do Petróleo DE NITERÓI

(Da Correspondente)



Senhorita Petróleo

Conforme noticiamos no nosso último número resolvemos apoiar a candidatura de Norman de Moraes Emery, segundo secretário da Comissão de Petróleo de Cascadura ao título de Senhorita Petróleo. Já na primeira apuração publicada pelo "Jornal de Debates" tivemos o prazer de vê-la conseguir uma apreciável votação, levando sobre a segunda colocada, senhorita Ellete Matos Costa, que teve dez votos, a considerável vantagem de noventa votos.

Norman de Moraes Emery, que hoje disputa o sugestivo título de Rainha do Petróleo, está à altura do cobrado título não só pelos seus dotes físicos como por sua fibra patriótica. Numa época em que lutamos para que a mulher evolua e livre-se do restrito círculo dos sucessos sociais, não apoiávamos uma candidata que oferecesse como única vantagem a sua beleza. Norman, apesar de ainda muito jovem, vem há anos cooperando nos movimentos de caráter patriótico. Em 1942 os jornais paulistas noticiaram com elogios a atividade desenvolvida por ela e seu irmão Milton, então ginásianos, entre os seus colegas para auxiliar o movimento pró-aquisição do avião ambulância "Evangélica" e a valiosa contribuição dos dois irmãos levando à realização do "Diário da Noite" de São Paulo duas caixas de ferro velho para a campanha dos metais. Norman que na companhia de seu irmão Milton continua na luta em defesa do engrandecimento de nossa pátria, caso vença, conforme esperamos, o disputado pleito, não terá apenas o orgulho de exibir um título, ela saberá a significação que tem para o seu povo o óleo escuro por tantos cobrado.

Estamos certos de que nossos leitores não deixarão de dar a esta jovem, representante de nossa sociedade consciente, todo o apoio que ela nos merece.

O movimento em defesa do petróleo nacional vem de tal modo empolgando a opinião pública, atingindo todos os seus setores que a página dedicada por MOMENTO FEMININO ao grande empreendimento já se vai tornando pequena para transmitir aos nossos leitores o noticiário de tudo que se vai realizando no país nesse sentido. E com prazer que assimilamos a reação que de Norte a Sul do Brasil se faz sentir contra toda e qualquer fórmula que possa roubar-nos essa imensa fonte de riqueza.

No noticiário que se segue damos um resumo das atividades desenvolvidas nas duas últimas semanas e das novas adesões recebidas pelo Centro de Estudos e Defesa do Petróleo.

NOTÍCIAS

Estados cujos Centros de Defesa do Petróleo já estão fundados:

AMAZONAS — CEARÁ — ALAGOAS — SERGIPE — PERNAMBUCO — ESTADO DO RIO — MINAS — S. PAULO — PARANÁ — S. CATARINA — RIO GRANDE DO SUL — MATO GROSSO e BAHIA.

Aderiram à campanha as Câmaras Municipais, Assembleias Estaduais e oficiais das Escolas Técnicas.

Aderiu ao movimento o general Estevão Leitão de Carvalho.

A série de comícios realizados em todos os bairros de Niterói, de acordo com o programa que se traçou o Centro Municipal de Estudo e Defesa do Petróleo, tem empolgado realmente o povo desta cidade. A todos esses comícios têm comparecido elementos do Centro Nacional de Estudo e Defesa do Petróleo, cujo esclarecimento e vigorosa eloquência causaram sempre verdadeira exaltação cívica.

A ilustre senhora, Dona Alice Tibiriça, cujo devotamento à causa do petróleo inspira gratidão aos brasileiros patriotas compareceu ao comício monstro no Barreto, domingo último, e ali arrebatou a grande massa pela atitude desasombrosa e enérgica que assumiu, face à luta decisiva que ora se trava pelos destinos nacionais.

Também o professor Henrique Miranda e a Dra. Augusta Tibiriça, abrilhantaram a mais de um desses encontros com o povo da terra de Arariboia, dignificando a bela tradição que vêm construindo em torno de seus nomes tão queridos e respeitados, como expressões que são do valor da inteligência da mocidade do Brasil.

A campanha de defesa do petróleo em Niterói cada dia arregimenta maior número de adptos, liderada que é por figuras representativas da sociedade local, como os deputados Oscar Fonseca e Roberto da Silveira (do PTB), Humberto de Martino (do PSD), professores Paulo Pimentel, Tasso Moura, Antônio Campos, Antônio São Paio, Senhoras Cecília Lacerda Pereira, Guiomar Calazão Damasceno, Benedita Freitas da Silva, Alita Pelajo, Iraci Barroso, Natália Amorim, Aurea Lemme de Moura, Vita Paula de Campos e Gilda Braga Linhares; estudantes Maria Felisberta Trindade, Clotilde Maria e Maria Aparecida Braga Linhares, Nelson Chachamovitz, Afonso Celso, José Barroso, José Fortes, Celso Martins, Luiz Tabajara, Luiz Peçanha, José Machado Conceição, e muitos outros; vereadores Palmir Silva (do PSB), Edite Castex Ollivier e Tomaz Gomes Martins, (do PL).

No dia 20 de agosto próximo passado, a Comissão Feminina de Defesa do Petróleo (de Niterói) organizou na Vila Pereira Carneiro um grande comício, só de mulheres, que pela originalidade trouxe grande massa, tendo sido vivamente aplaudidos as oradoras que se fi-

zeram ouvir. Essa demonstração da posição destemida das mulheres de Niterói, foi um exemplo de patriotismo impressionante. Nesse comício encerrado por Dona Maria Augusta Tibiriça (que foi homenageada por crianças, jovens e senhoras presentes com uma pequena saudação pela estudante Maria Felisberta e com a oferta de um lindo ramo de flores brotadas em terras niteroienses) a operária Nair Menezes pronunciou o discurso que transcreveremos:

"Senhoras e senhores, meus patriotas:

Nesta festa organizada pelas senhoras de Niterói, com o fim tão superior e tão belo de pugnar pela defesa do nosso petróleo, nesta festa tão linda e emocionante, também a humilde operária das fábricas deseja erguer a sua voz. Não para vos fazer um belo discurso, porque aos operários do Brasil, ainda não é possível desenvolver suficientemente a sua cultura intelectual. Mas para vos falar com o sentimento e o coração. Com a alma e a esperança de dias melhores.

Não vos trago, meus patriotas, um discurso formoso, como merecereis ouvir, e como os outros que decerto ainda hoje ouvireis aqui. Trago-vos a voz convida de uma operária fluminense, a fala dolorosa da juventude operária que sofre tantas injustiças, que está tão desamparada e esquecida, apesar de tudo o que se diz e escreve no sentido social...

Quero dizer-vos que nas oficinas os operários acompanham com interesse patriótico, a marcha dessa gloriosa campanha do petróleo. Porque os operários sabem, mais do que o seu atraso intelectual, que esta em perigo a pátria, as conquistas democráticas que asseguramos com a vitória na guerra contra o nazi-fascismo, por que contra o mundo, mal refeto das lutas tremendas, avança furiosa e desesperada, a fera do imperialismo! Os operários sabem que a campanha nacionalista do petróleo representa 100% das suas reivindicações. E sabe que o estatuto entreguista preconiza aos exploradores estrangeiros desrespeitar a lei dos direitos e ainda, agir com a arrogância que bem conhecemos contra o direito de não ter fome, sempre alegando a nossa inferioridade racial. Essa ameaça tremenda que paira sobre a nossa pátria, poderá bem o sabermos e muito o deseja-

mos, ser afastada definitivamente se o povo souber lutar na praça pública, exigindo respeito ao que nos pertence. O nosso ouro negro, que tantos honrados oficiais do glorioso exército nacional, já declararam significar a própria segurança do Brasil.

Face ao nervosismo que nos empolga nessa luta devemos convir, meus patriotas, que algo de novo e confortador se apresenta aos nossos olhos cansados de sondar os horisontes anuviados: — é que todas as forças vivas se unem numa frente única, possante e vigorosa: — os brasileiros, esquecidos das barreiras de opinião que os dividiam, unem-se, esquecidos das diferenças partidárias, tal como na campanha pela entrada do Brasil na guerra. Tal como na campanha pela anistia dos presos políticos. Tal como na Liga da Defesa Nacional. Unânnimes em ressaltar a fera imperialista. E isso é o que nos dá um conforto para os trabalhadores do Brasil. Os trabalhadores, tão esbultados, tão iludidos com falsas promessas, aqueles que no panorama social brasileiro mouream rudemente para enriquecer os patrões e não têm direito às coisas essenciais à vida: — moradia, alimentação, educação e saúde! E disso não será preciso falar-vos. Basta ver as crianças que dormem ao relento, nas noites frias. Sem lar. Sem carinho. Sem conforto. Sem escolas... São pequeninos brasileiros que se pervertem na senda do crime, que se amulam fisicamente pela fome, que envergonham a nossa civilização. Esses são os filhos dos operários do Brasil, operários que nunca podem suprir eficientemente a manutenção do seu lar. E morrem cedo, mortos pela tuberculose, deixando ao desamparo os seus filhos. Esse espetáculo degradante, meus patriotas, poderá desaparecer definitivamente do cenário de nossa terra, se soubermos lutar pela grandeza, pelo progresso, pela riqueza do Brasil, defendendo o nosso petróleo, que há de reter o nosso ouro, há de movimentar novas indústrias, fazendo com que a nossa vida floresça em fartura e em paz.

Desejo terminar com um apelo aos trabalhadores, à juventude operária que me ouvem: uni-vos nos vossos sindicatos, para lutar pelos vossos direitos, para exigir o que é humano e compatível com a dignidade de cidadãos livres e conscientes. Tudo pelo Brasil, unido e forte. Tudo pelo nosso petróleo".

NO DIA 7 DE SETEMBRO AS DIVERSAS COMISSÕES DE DEFESA DO PETRÓLEO LIGADAS AO CENTRO DE ESTUDOS DARÃO INÍCIO AOS DEBATES DAS TESES APRESENTADAS HAVENDO, EM SEGUIDA, A ELEIÇÃO DOS DELEGADOS À CONVENÇÃO.

Colégio Franklin Delano Roosevelt

FUNDADO EM 1928

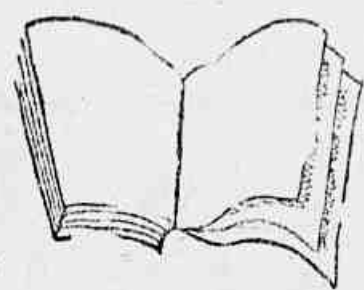
INSPEÇÃO PERMANENTE - EDIFÍCIO APROPRIADO

Externato — Semi-Internato — Primário — Admissão — Ginásial — Colegial — Clássico e Científico

DIURNO E NOTURNO

DIRETOR :
Prof. Milton Rivera Mango

TELEFONE : 28-6818
Rua Ibituruna, 43-45



DAGMAR

Encontra-se no Rio, o afamado pianista alemão Peter Kreuder. Esta atuando na Rádio Nacional, percebendo Cr\$ 80.000,00 mensais e vai realizar um concerto no Teatro Municipal, teatro, que onde não são permitidos concertos de músicas populares, mas que foi concedido aos sr. Peter Kreuder para esse fim. Enquanto isso acontece a nossa grande pianista Carolina Cardoso de Menezes, que é brasileira e executante do mesmo gênero que Peter Kreuder, — também artista da Rádio Nacional, — não é ouvida em programas especiais, trabalha apenas como simples acompanhante, percebendo a insignificância de Cr\$ 5.000,00 mensais. Carolina Cardoso de Menezes, tem inúmeros arranjos de sua autoria e outras composições originais, por demais conhecidos no estrangeiro. Tivemos o prazer de ouvi-la, em vários concertos em São Paulo; um jornal paulista, chegou mesmo a dizer, "que se Peter Kreuder, era considerado o maior artista no seu gênero na Europa, Carolina Cardoso de Menezes, era a maior do mundo". Sim, concordamos com o nosso ilustre confrade, pois Carolina, nada fica a dever a Peter Kreuder. A única diferença que existe, e que Carolina Cardoso de Menezes é brasileira e como tal, não tem valor nenhum, aqui no Brasil. É preciso acabar de vez com essa falta de patriotismo. Temos grandes artistas; sabemos aproveitá-los.

zes, era a maior do mundo". Sim, concordamos com o nosso ilustre confrade, pois Carolina, nada fica a dever a Peter Kreuder. A única diferença que existe, e que Carolina Cardoso de Menezes é brasileira e como tal, não tem valor nenhum, aqui no Brasil. É preciso acabar de vez com essa falta de patriotismo. Temos grandes artistas; sabemos aproveitá-los.

A RÁDIO CLUBE DO BRASIL, vem apresentando as segundas-terças às 21 e 30, o programa "Aquí fala o coração do Brasil" localizando a música e os costumes de cada Estado. O mais interessante nestes programas é que a parte artística está entregue a elementos do Estado que está sendo localizado naquele dia. Tivemos a oportunidade de assistir a audição oferecida ao Estado de Pernambuco, na qual tomaram parte diversos artistas de valor daquele Estado. A abertura esteve a cargo do professor Eustorgio Wanderley, conhecido poeta e teatrólogo; tinha-se; a impressão de ver o Recife, antigo, com os seus preceitos, queimas de lapinha, seus pastores e mamulengos; o Recife que nos traz tantas saudades e belas recordações. Depois ouvimos Léa de Holanda, elementos interessante, em uma página folclórica de Capiba. Léa de Holanda, deve voltar ao Rádio a fim de preencher a lacuna que deixou com sua ausência que todos lamentam. Um poeta sertanejo do qual não me recordo o nome, foi sem dúvida, um dos melhores números do programa; a seguir, o cantor Alberto Fernandes; boa voz e ótima presença e a cantora Laurita Gil, em um Maracatu; Nelson Miranda, num belo solo de bandolim, e, finalmente, o Frevo, essa dança louca que mexe com a gente e não respeita idade, sexo, nem cor.

Parabéns ao Rádio Club, aos elementos pernambucanos e a Gastão Lamounier, criador de tão belo e interessante programa, que nos faz conhecer de perto os costumes de nossa Terra.

NOTAS

Ouvimos quinta-feira, no teatro Plácido Ferreira, na Rádio Mayrink Veiga, a peça e três atos, original de Elton

Tys, "Caminho de Ilusão". Gostamos do original; sentimos apenas que o



tivesse sido, Rodolfo Mayer.

A Rádio Globo está apresentando as 2as

as e 6as feiras, a emocionante novela de Raymundo

Lopes, "Um rosto na sombra". Tem como intérpretes principais

Lúcia Delor, Sérgio Oliveira, Norka Smith, Gerda dos Santos, Wolner Camargo.

★

São muito raros no Brasil os programas de rádio que atingem a sua verdadeira finalidade: educar, divertir, instruir. As aulas de ginástica pelo Rádio, orientadas pelo professor Oswaldo Diniz Magalhães, em todas as manhãs, pela Rádio Globo, são assim. Suas lições são simples e repletas de conselhos úteis a saúde física ou mental das pessoas normais. É um programa completo em todos os sentidos e por isso conta com milhares de adeptos em todo o Brasil.

TROVAS POPULARES

Cançado estou de viver
A vida que estou vivendo.
Pois também a vida cança.
Quando se vive sofrendo.

Parece mentira até
Mas é verdade patente:
Que a gente nunca se esquece
De quem se esquece da gente.

Tu dizes que o amor não dói,
O amor dói no coração.
Quando alguém está auren-te.
Diga lá se dói ou não.

Amor de perto é querido,
De longe mais estimado.
De perto me causa pena,
De longe maior cuidado.

ALEGRIA Adalgisa Bittencourt —

As mulheres brasileiras estão habituadas com a grande luta de Adalgisa Bittencourt, advogada e combatente pela realização de uma Academia Feminina de Letras no Brasil. Agora, encontramos a mesma mulher transbordando os seus mais legítimos sentimentos de ternura a poesia da maternidade. "Cântico dos Cânticos daquela que vai ser mãe".

Num volume em duas partes — a original e a segunda em versão alemã, há como que uma saudável mensagem ao menino que vai nascer.

"Vida na Primavera,
Encontrarás tudo florido,
Que tua mãe enquanto espera
De sonho e amor fez um tecido...
E assim o tempo ela acelera,
Fazendo em flores o teu vestido..."

MOMENTO FEMININO sauda a sua alegria, Adalgisa, essa alegria poética que vai enfeitar uma vida de mulher.

A NUVEM DE FOGO — Antônio Santos Moraes — Edições Literárias — Num pequeno volume bem apresentado, com capa de Paulo Werneck, o livro de Antônio Santos Moraes é mais uma afirmativa da poesia viva. Lendo nas primeiras páginas o "Barco Noturno" e os "Sinos da Lapa", a gente sente logo as inquietações repletas de ansios misturadas a um humanismo devotamento às coisas da vida.

O artista quer vencer o impossível, encontrar o que é do sonho e chega até a morte. O artista encontra os homens juntos do dia a dia e impõe o silêncio que afasta a morte e clama pela vida violenta e pura com seus crimes e suas virtudes.

É a jornada construtiva que impõe ao homem a sua verdade. É a introspecção do poeta ansiando pelo nada. Os dois poemas são dois manifestos — um abstrato, outro objetivo e vivo. Não encontramos preferência. Antônio Santos Moraes tem o que dizer e a poesia é a sua forma de expressão. Um belo livro, portanto, essa "Nuvem de Fogo"...

Literatura

REVISTA MENSAL

Diretor:

ASTROJILDO PEREIRA

Publica estudos, ensaios, poemas, contos, críticas de livros, crônicas da vida literária, documentos de interesse cultural, etc., etc..

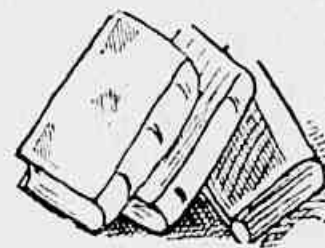
Assinatura por 12 meses: Cr\$ 50,00

Preço do número avulso: Cr\$ 5,00

Redação e Administração: ALCINDO GUANABARA,

7 - 7.º andar — Sala 702

RIO DE JANEIRO



Livros

REVISTAS ESTRANGEIRAS

Cultura Política — Filosofia — Ciência
Pedidos pelo Reembolso Postal

Editorial Vitória Ltda.

Rua do Carmo 6, 13º andar, sala 1.306, Rio



Alguns usos de natação infanto-juvenil. Poucos muito poucos a praticam. A falta de piscinas públicas representa um sério entrave ao desenvolvimento desse salutar esporte. Mesmo entre os clubes, são poucos os que possuem piscinas. No entanto não seria difícil ao tatiura, construir várias delas por esse Rio afora. Se há dinheiro para levantar um imenso e dispendioso estádio, onde as grandes e poderosas agremiações de futebol comercial terão campo para aumentar os seus lucros, deve haver também um pouquinho (uma piscina não é tão caro assim) para nós outros, os do subúrbio, os que não tem mar a porta de casa e que sonhamos em fazer o nosso esporte, melhorar o feio físico e má saúde. Dê-nos senhores uma piscina, por mais pequena que seja. Não faz mal. É até melhor. Mesmo porque, se ela for grande onde a água para enchê-la?...

Nossos garotos

Nossos colaboradores



O Cão

LILA (13 anos de idade)

Passando em revista uns embrulhos velhos guardados, encontrei diversos livros por fazer. Dentre eles, estava um que eu guardava à hora de começar a fazê-lo. E' sobre o cão, o melhor amigo do homem. Eu tenho adoração pelos cães, sejam de raça ou vira-lata. Acho o animal mais inteligente e amigo das pessoas. Já tive vários cães, de todo tipo e raça, e nunca fui mal recebida por nenhum deles. Mesmo quando irritava-me, eles pareciam conhecer a situação.

Outro dia, brincando com minhas colegas, cansei-me de procurá-las e vendo ali um cachorro de uma vizinha, animei-o a me ajudar. Ele parece que estava contentíssimo por eu o meter na brincadeira, e po'isso saiu a correr e a latir em procura de minhas colegas. Não demorou muito a que achasse uma, e com grata satisfação nossa, começou a pular e a correr. Abraçamo-lo muito e ele tinha a aparência de quem tinha se divertido muito. Depois se deitou e ficou quieto; quando tornei a chamá-lo, não quis vir e aí vi que ele estava triste, porque a cachorrinha tinha levado o seu companheiro. Eram inseparáveis, e pareciam gostar-se muito. De repente ficou sózinho, e talvez não possa esquecer-se.

O cão, como sempre, é o companheiro de uma criança. Toda criança sente atrações sobre esse animal e é raro cão que não goste de crianças e adultos contanto que tenham um pouco com que comer, um leve sorriso do dono, e de vez em quando um banho, e o animal mais feliz da terra, parecendo estar sempre a sorrir e a demonstrar a sua gratidão e satisfação.

A s crianças que apedrejam esses animais, quando doentes ou mesmo sãos, quando sem dono, ou abandonado, fazem mal, porque não sabem as virtudes e os benefícios que um cão traz à nossa vida. Eles foram feitos para defenderem o seu dono, ajudá-lo e auxiliá-lo, assim como o homem deve respeitá-los, amá-los e tratá-los bem e com carinho, mesmo que seja um policial ou um vira-lata.

Faço isso em defesa do cão, o melhor amigo da humanidade. Faço isso em honra a uns que tive e que perdi; e espero que eles estejam contentes em eu lembrar-me deles e de seus irmãos. E espero que todos tenham a mesma opinião.



AOS NOSSOS JOVENS LEITORES

No próximo número começaremos a publicar uma história em quadrinhos, que terá como tema a biografia de uma grande heroína brasileira: Anita Garibaldi. Os nossos jovens leitores que se preparem para conhecer a vida dessa extraordinária mulher, nascida em Santa Catarina, e cujas cinzas repousam muito longe daqui, no cemitério de Nice, guardados num mausoléu que lhe foi erguido por subscrição popular. Também os restos mortais de nossos heróicos pracinhas repousam além-mar, no cemitério de Pistóia. Mas, tanto Anita quanto os que morreram na guerra de libertação têm sua memória bem viva na lembrança dos verdadeiros patriotas.

CHARADAS NOVISSIMAS

A culpada lançou um olhar para a publicação — 1-2.

Ele acha graça quando eu encontro um pequeno curso d'água — 1-2.

Com o instrumento do pedreiro e o instrumento do pescador fiz o muro de minha casa — 1-2.

CASAIS

O acontecimento se deu naquele edifício — 2.

A cantiga portuguesa falava num ser imaginário — 2.

Esse utensílio doméstico é feito de metal precioso — 2.

O inseto barulhento é muito apreciado pelos fumantes — 2.

TESTES DE SENSO COMUM

1) Dois homens, irmãos por parte de pai e mãe, conversavam certo dia. Um disse: — "Hoje à noite irei visitar meu sobrinho, que está doente". E o outro respondeu: — "Pois eu, esta noite, não sairei de casa. Ahias, não tenho nenhum sobrinho doente". — Como?

2) Maria tinha um pato. O pato pulou a cerca e foi para o quintal da vizinha, Rosa. Apareceu um ovo no quintal de Rosa. Maria e Rosa começaram a brigar. Maria dizia que o ovo devia pertencer-lhe, pois fora posto pelo pato, que era seu; Rosa dizia que tinha direito a dispor daquele ovo, porque fora posto em seu quintal. Que tinha direito aquele ovo?

3) Cada valete tem um s bolho. Quantos olhos terão todos os valeses de um baralho de cartas?

PROBLEMA PARA O JOVEM CALCULISTA

X X X	X X X
X 9	X 9

X X X X	X X X X
X X X X	X X X X

X X X 3 7	

Esse problema não é difícil; basta apenas atenção, reflexão, paciência... e uma boa borracha. Já sabem como é, não sabem? Cada X representa um algarismo; com os algarismos que aí vão determinados é muito possível encontrar os que faltam. Apaguem os X e substituam-nos pelos algarismos certos. Publicaremos o nome de todos os nossos amiguinhos que acertarem esse problema de cálculo. Desafiamos o nosso leitor Dirceu Gonçalves... Mas nada de recorrer ao Papai, hein, Dirceu?

1 X X 3 7



As histórias de Dindinha



As formigas escravagistas

Estava na hora da merenda, e Dindinha foi para o quintal, à procura das crianças. Beto estava na calçada, andando de bicicleta, e a Belinha ainda estava no banho. Mas encontrou Nanoca e Joãozinho agachados junto a um formigueiro, muito entretidos com o vai-e-vem das formigas.

— "Dindinha, venha só ver como as pobrezinhas trabalham!" — chamou a Ana Maria (a Nanoca, como dizem os irmãos).

— "Estão carregando comida para o formigueiro..." explicou Joãozinho. — "Todas elas trabalham, não é Dindinha?"

— "E' o que vocês pensam — contou Dindinha. — Há uma qualidade de formigas que não só não trabalha como ainda explora o trabalho das outras formigas."

— "Não diga, Dindinha!" — interrompem os dois guris, embasbacados. Então Dindinha contou:

— "E' verdade. São as amazonas, as formigas guerreiras. Sabem apenas lutar, formam como que o exército das formigas, e são incapazes de prover à própria alimentação e até mesmo de criar suas larvas. Então, adivinhem só o que elas fazem!" (mas antes de dar tempo aos dois garotos para qualquer "palpite", ela mesma explicou) "Escravizam uma qualidade de formigas, as formiguinhas marrons, e obrigam-nas, com bastante tranta, a executar aquilo de que elas próprias não são capazes. Essas formiguinhas escravas arranjam comida para as amazonas e transformam-se em "babás" de suas larvas."

— "Que espetalhonas, hein!" — exclamou Joãozinho. — "Pois é. Imitam certos homens que obrigam os outros a trabalhar para enriquecê-los..."

Mas existem outras espécies de formigas amazonas que ainda aperfeiçoaram esse sistema: criam pulgões em série, e esses pulgões lhes servem de vacas leiteiras. Esses pulgões, engordados pelas amazonas para esse fim, fornecem um líquido açucarado com que as espetalhonas se alimentam e que constitui verdadeiro leite para elas.

Elas formam brigadas inteiras desses pulgões, construindo, para eles, uma espécie de curral sobre suas plantas prediletas, currais feitos com terra muito bem amassada, mas que, na realidade, não são mais do que prisões luxuosas!"

— "Que história formidável, Dindinha. Conte outra!" — reclamou Joãozinho.

— "Nada disso. Vocês agora vão tratando de entrar, que está na hora da merenda". E, para lhes dar o exemplo, Dindinha entrou em casa, a tempo ainda de ouvir a perneirada da Ana Maria contar ao Beto que vinha chegando:

— "Você sabe, Beto, que existem formigas escravagistas?"

Para os mais velhinhos

Vocês já ouviram, certamente, falar em Esculápio. Já ouviram, ao menos, dizer de algum médico conhecido: o Esculápio...

Mas sabem quem foi Esculápio e por que se dá essa denominação aos médicos?

Vamos contar essa história (e entraremos em plena lenda, em plena mitologia).

Esculápio, que os gregos veneravam sob o nome de Asclépios, era um semi-deus, filho de Apolo (a quem atribuíam conhecimentos de medicina) e de Coronéis, uma princesa. Foi educado pelo centauro. Puiron, que lhe ensinou a arte de medicina. Esculápio é, pois, o deus da Medicina. A mitologia fala em suas curas assombrosas, e diz, também, que, não contente de curar os doentes, meteu-se também a ressuscitar os mortos. E aí é que "o carro pegou", como vocês costumam dizer, na sua linguagem habi-

tual... E que Plutão, deus dos infernos, não se conformou com essa proeza, pois viu o momento em que seus domínios ficariam inteiramente vazios... Queixou-se, então, a Júpiter, que, a fim de satisfazer-lhe as reclamações (e mesmo porque, dando vida aos mortos, Esculápio invadira suas atribuições...) mandou forjar um raio pelos Ciclopes, e com ele fulminou Esculápio.

Apolo, indignado, vingou a morte do filho, matando, por sua vez, os Ciclopes, o que lhe valeu a fúria de Júpiter e um longo exílio. Sim, por que Júpiter, para castigá-lo, exilou-o do Olimpo (e vocês sabem que o Olimpo era a morada dos deuses mitológicos?)

Os emblemas de Esculápio são o galo, símbolo da vigilância, a serpente, símbolo da prudência... E é por isso que vocês verão, nos anéis de grau dos médicos, a serpente, símbolo de sua profissão.

CORTE E COSTURA

LIÇÃO VII

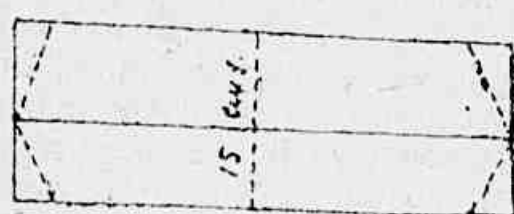
Hoje daremos uma aula de como cortar e colocar uma gola esporte. Cortamos uma tira com 15 cms de largura e com comprimento de acordo com o tamanho da gola. Dobra-se ao meio e dá-se um



geito enfiado nas pontas, conforme o desenho.

Costure os dois lados, desdobre a gola e deixe-a aberta em baixo.

O decote deverá ter o tamanho exato do decote do vestido. Vamos agora, colocar a gola. Marque o meio da gola e o meio das costas



coloque marca sobre marca. As extremidades combinarão com a marca da lapela.

Lapela é isto: a parte pontada. Cosa-se a gola na blusa, só pela parte de dentro, à máquina; vire-se e cosa-se a mão pela parte da traz.

Está pronta a gola esporte.

Anunciem em

'MOMENTO FEMININO'



Primavera, verão, outono ou inverno? O boletim meteorológico não indica que estranha estação é esta, um agosto de dias quentes, muito sol, muito verão ou dias muito frios. Para que você possa atravessar esses dias estão aqui dois modelos em seda, tipo esporte, o primeiro em xadrez. No segundo modelo você poderá fazer a sara separada da blusa e com isso terá duas toilettes. A saia poderá ser usada com outras blusas e a blusa com outras saias. Mas não esqueça que são vestidos de meia estação. E, portanto jogue um casaco de lã nos ombros. Se o tempo mudar você não gripará...



Com uma seda branca você poderá confeccionar esta sunga para seu filhinho de 4 a 6 anos de idade. Na blusa preguinhas verticais e a blusa é presa nas calcinhas com botões de madrepérola. O outro é um casaco que ele vestirá nos dias mais frios por cima da sunga, (nesses estranhos dias que a gente não sabe vestir, ora faz frio, ora calor). E' em camemisa azul marinho com grandes botões. E estará seu filhinho preparado para passear...



Beleza

Cabelos compridos, cabelos curtos, problema que as mulheres discutem sempre. "Vou deixar crescer os meus cabelos". "Vou cortar bem curtos os meus cabelos, e o "new look" não tomou posição definida no caso dos cabelos. Para certos tipos (fininhas, delgadas, alouradas) a saia comprida quase exige cabelos longos, presos no alto da cabeça. Dá um certo ar de miniatura, muito século dezenove. Para os tipos esportivos, mais fortes, menos delicados, os cabelos longos soltos nas costas, dão um aspecto saudável e principalmente de contraste com as saias pelos tornozelos. Ou os cabelos cortados curtos armando penteados.

O trabalho que dão às mulheres os cabelos é impressionante. Escová-los de manhã e à noite, lavá-los com um bom sabão ou xampu pelo menos uma vez por semana, frequentar, pelo menos uma vez por mês o cabelereiro para lavagem de óleo, tintura ou mis-en-plis, eis, em traços gerais a obrigação que as mulheres têm para que suas cabeças sejam belas. E os cabelos longos dão trabalho ainda maior.

Em número anterior comentamos os cuidados necessários à beleza da cabeça e em outro a questão do penteado. É bom lembrar sempre que só você própria poderá escolher o que melhor lhe vai em matéria de toucado. Há penteados que envelhecem e há os que tornam a mulher muito mais jovem. Quem gostará de envelhecer? Estudar o penteado de acordo com a linha do rosto é questão imprescindível à mulher que quer ter, pelo menos, o aspecto de higiene, além da beleza e da personalidade física para a qual o penteado tanto concorre.

IZADORA

ALMOÇO PARA SEGUNDA-FEIRA

Dalila

Como às segunda-feiras não temos carne e os mercadinhos estão fechados, vou dar um adas nossas receitas práticas:

INGREDIENTES: — Xarque, quiabo, pimenta, etc.

MODO DE PREPARAR: — Corte 250 gramas de xarque em pedaços de 2 centímetros, ponha em água quente para tirar um pouco do sal. Faça um refogado com cebola, alho, tomate e algumas pimentas malagueta. Ponha o xarque a refogar. Quando estiver cozido, corte 1 quilo de quiabo em rodinhas, junte tudo e abafe. A água do quiabo é suficiente para fazer uma quiabada com caldo grosso bem saboroso.

INGREDIENTES: — Fatias de carne assada, ovos, etc.

MODO DE PREPARAR: — A carne que deve ter, sobrado do domingo, corte em fatias de 1 centímetro de grossura. Bata 3 ovos, ponha 1 colher de sopa bem cheia de farinha de trigo, misture bem, mergulhe as fatias da carne nos ovos e vá pondo para fritar em banha bem quente. Pode servir com agrião ou alface. Sirva com feijão e arroz.

SOBREMESA: — Mamão ou salada de frutas.

VIVENDO A VIDA DOS BAIRROS

URCA, O BAIRRO CHEIO DE PAZ...

Aqui começa a Urca, não mais a Urca dos tempos barulhentos, carros e mais carros parados à espera dos frequentadores do Casino ou dos que esperavam as "girls" excessivamente louras ou morenas.

Aqui começa a Urca, o bairro residencial silencioso, de praia banhada por águas mortas que em grandes marés chegam até o Casino, fechado e vazio como um monumento de resistência pacífica.

Em 1930, quando conheci este bairro, havia o Balneário, entre ruas desertas, verdadeiros areais, uma casa ali outra acolá sobre terra roubada ao mar, um único ônibus até o Mourisco, de meia em meia hora.

Mais tarde veio o Casino, novas linhas de ônibus apareceram, se falou em lanchas como o melhor e mais rápido meio de transporte, o comércio se intensificou, as ruas se encheram de casas e os terrenos subiram a preços astronômicos. O velho plano de que somente casas poderiam ser construídas nesse terreno sobre o mar, foi abandonado.

Surgiam apartamentos em contraste com o aspecto acolhedor das casas, uma escola particular com um jardim de infância, o "Clube Tabajaras" ao lado do velho Forte S. João, a Igreja e o magnífico Mercado em estilo colonial.

O casino foi fechado e hoje ninguém pode deixar de sentir o que ouvi uma senhora comentar num ônibus:

— Que absurdo! Numa época dessas, de tantas dificuldades, como podem deixar um prédio desses abandonado? Porque não fazem um Balneário, tão útil principalmente para as pessoas que não podem ir para as estações de águas, ou um hotel para os estudantes ou famílias desses militares que estudam e trabalham por aqui?

O povo da Urca fala nisto nas filas, nos ônibus, na feira, no mercado mas sendo um



... A festa quase deserta...

... Rua da Abreus...

bairro residencial de pessoas que, a maior parte, trabalha na cidade, volta a sua atenção para os problemas citadinos e internacionais não se dedicando aos problemas do bairro.

Por duas vezes, senhoras tentaram levantar a União Feminina da Urca.

Ninguém mais indicado que as donas de casa para estudarem seus problemas, concentrarem sua capacidade de luta quase sempre despendida, prejudicando a si próprias, e às criaturas dependentes.

A dona de casa é o "chefe" que não pode deixar de estar ao par do preço oficial dos gêneros de sua necessidade. Sua família necessita um meio de transporte mais bem organizado. As crianças vêm de volta dos colégios em pé nos ônibus, em meio a solavancos, gastando todas as suas energias nas "filas", sob o sol escaldante ou chuva e vento, sem nenhum abrigo, principalmente no ponto do Mourisco. Isso sem falar nos adultos que, apesar de sua capacidade de resistência já estão se cansando de superlotarem os

mesmos ônibus, ouvirem as grosserias dos motoristas e trocadores, que lançam o seu cansaço em cima do passageiro e isso numa época em que não há mais a capa de "Sacrifício de guerra". As "filas" são intermináveis e ouço:

— Aos sábados é impossível alguém chegar para o almoço. Se chegar para o lanche, olhe lá... já conseguiu uma grande coisa. Durante a semana não se pode fazer nada à noite. E' chegar, comer e ir para a cama direto. Nem namorar porque não há forças que aguentem. E a moça tirava um pé e outro de dentro do sapato enquanto a outro concordava. — Esse é um dos problemas mais angustiantes para o morador da Urca. Se pelo menos tivéssemos o bonde ou uma daquelas lanchas de Niterói ainda vá, mas logo que não temos, só resta novas linhas de ônibus decidirem servir nosso bairro desde que essas não estejam satisfazendo completamente o serviço. E' como o caso do jardim de infância. D. Stela pensou em matricular as filhas no ano

que vem. Soube porém que já não há matrículas. Ela trabalha fora, empregada hoje ninguém pode achar porque apesar de não ter a casa e a comida têm um horário e um ordenado melhor nas fábricas e oficinas. Se esse jardim de infância particular não comportar as crianças da Urca deveriam ampliá-lo ou criarem um novo. — E assim as mulheres da Urca continuam sua conversa e suas palavras se perdem. Alguns já procuraram a União de oBafago que fica a rua Marquês de Abrantes, 144 e todas à quintas-feiras, às 20,30 horas, elas estudam um meio de levarem ao seu bairro a experiência das moradoras de outros bairros que já conseguiram essa coisa magnífica que é a União Feminina. As donas de casa da Urca, o bairro cheio de paz, como dizem, os forasteiros, precisam se unir, fazerem públicos seus problemas que conservam em sigilo, não esperam que do céu caia um remédio.

A dona de casa da Urca desde cedo está em pé para poder

organizar seu dia de trabalho. As 6 horas a carrocinha do leite passa ruidosamente como se estivesse rodando sobre pedras. As garrafas do leite batem uma nas outras acordando junto com o sino da igreja, os moradores.

O leiteiro parecendo um "coolie" japonês olha a camisa rasgada, passa a mão pelo rosto e sorri ao meu pedido para tirar uma fotografia:

— Deixa para amanhã. Estou muito feio. Barba grande, estou com dor de dente.

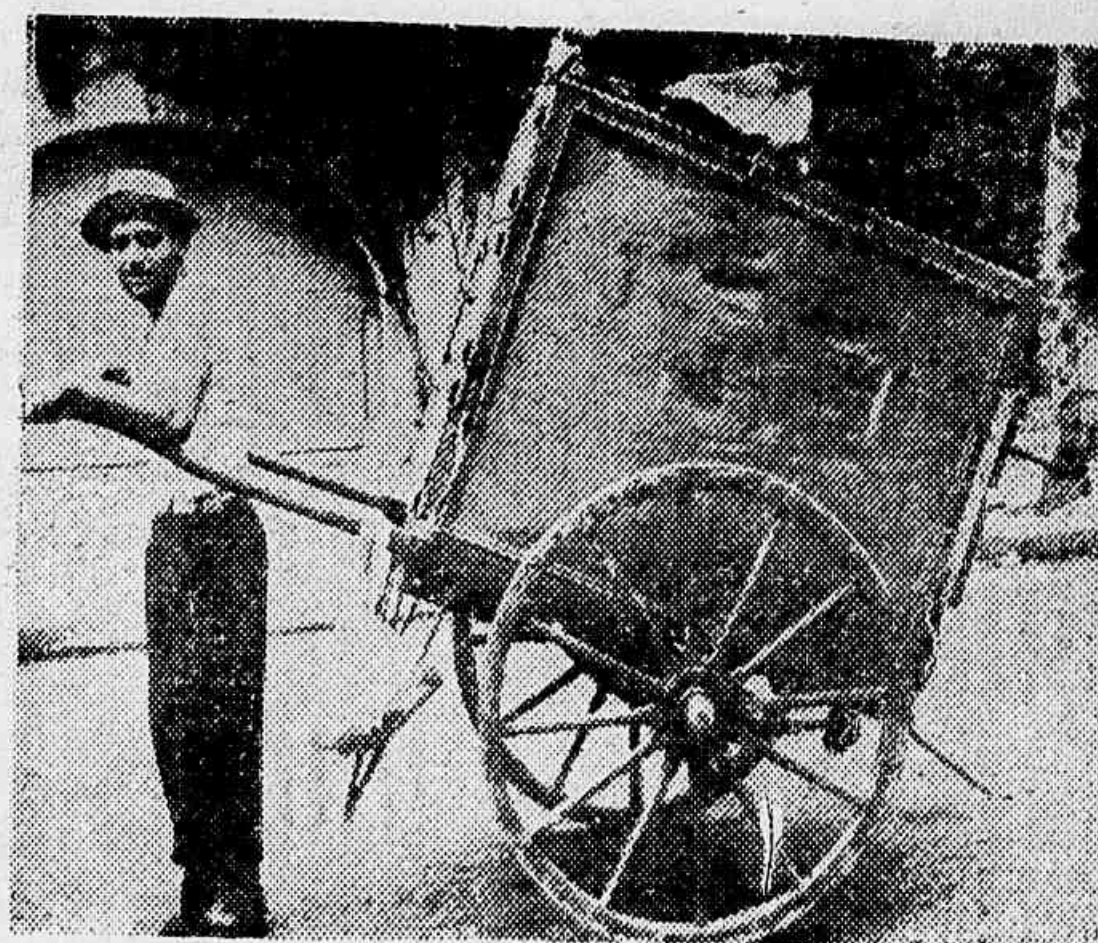
— Mas assim se você ficar "bonito", você não é o leiteiro em seu trabalho, como quero.

— Ah! então pode tirar — e compreendendo, se deixou fotografar com dor de dente, barba grande, camisa rasgada, na posição típica do leiteiro que apesar de viver numa "era atômica", vive num país onde a forma de trabalho ainda é pré-histórica, onde os homens que trabalham ainda conservam as formas primitivas pré-animais, pois o leiteiro do bairro residencial da Urca ainda não conseguiu pelo menos uma distribuição mais adequada do leite. Em dias frios de inverno, sob chuvas torrenciais, vão eles de casa em casa: empurram as corcujas pesadas, levam as garrafas de porta em porta recebem as reclamações dos fregueses sobre o leite ultimamente quase sempre azedo. A roupa é pobre e se gasta rapidamente devido ao trabalho brutal. Não creio porém que seja questão de um uniforme, sapatos e agasalhos para os leiteiros, como também para os padeiros, que será a solução adequada e sim a modificação do transporte do leite: um carro apropriado para conservar o leite fresco como a "Vaca Leiteira" que às dez horas para nas esquinas, sendo tão útil para todas as donas de casa. A distribuição será feita em menor tempo e o leite chegará perfeito as famílias sem ficarem as crianças com fome ou obrigadas a tomarem leites enlatados muito caros e os adultos sem sua primeira refeição com que enfrentarão a manhã de trabalho.

D. Laurinha cansada e apressada, vem do Mercado. — Desde cedo estou na "fila" da carne, não posso interrogá-la porque sei que seus filhos estão a sua espera. E' domingo dia de matar as saudades dos dois garotos maiores que estão no colégio interno no Alto da Boa Vista. E' grave a falta de fardim de infância e curso primário mais amplo para as crianças da Urca.

O excesso do custo de vida obriga a mulher a procurar no trabalho, fora de casa, um auxílio às finanças de seus maridos. As crianças vão crescendo, cada dia aumentando suas necessidades e a dona de casa é obrigada a acumular as duas funções: a de dona de casa e a do trabalho externo. Agora ela volta com os garotos para o banho de mar. Os guardas-vidas são queridos pelas crianças e falam:

— Nenhum guarda-vida resiste a essa vida. Dez, doze (Conclui na 15.ª pag.)



O Leiteiro. Acordado...



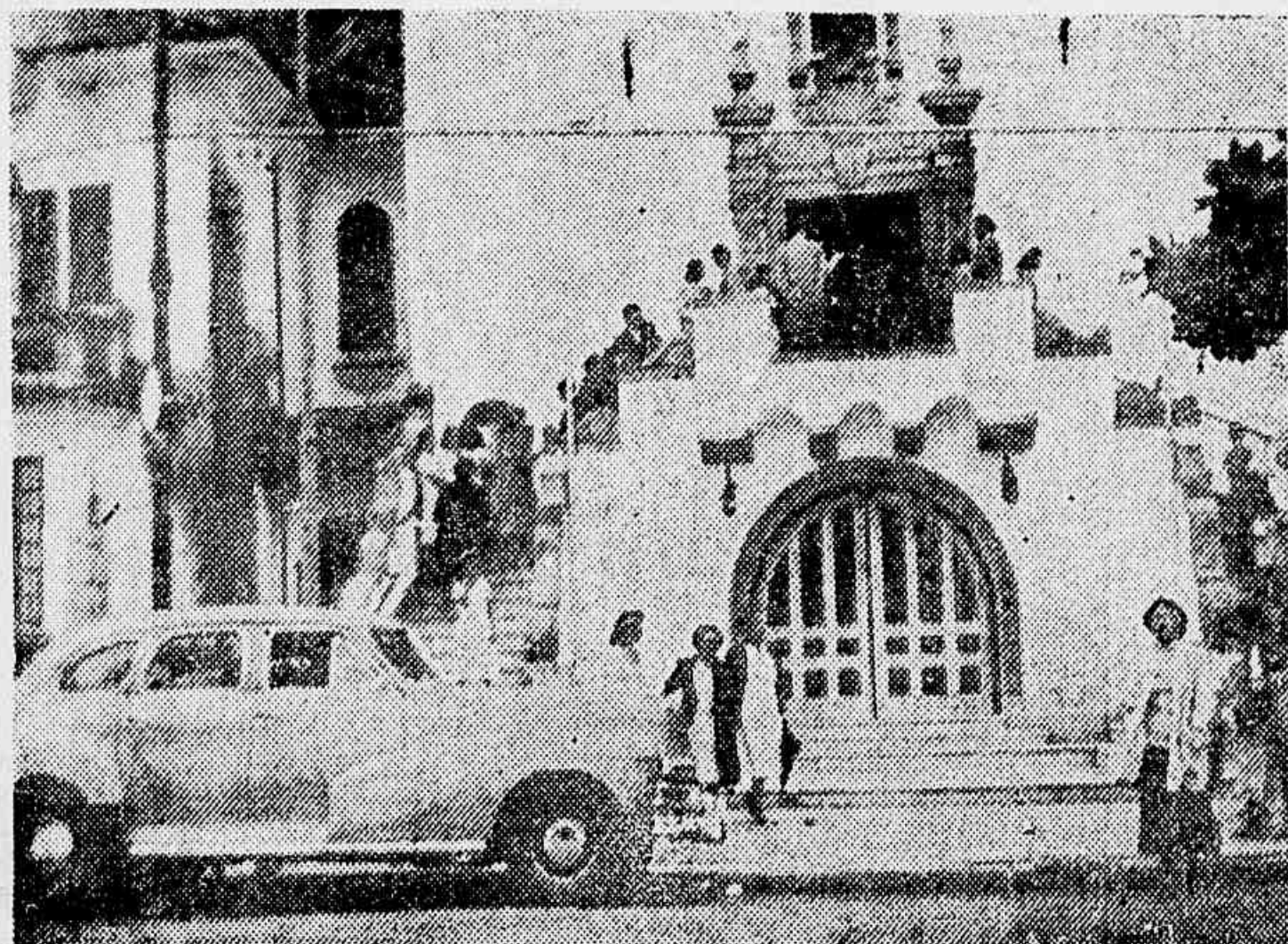
Nenhum guarda-vida...



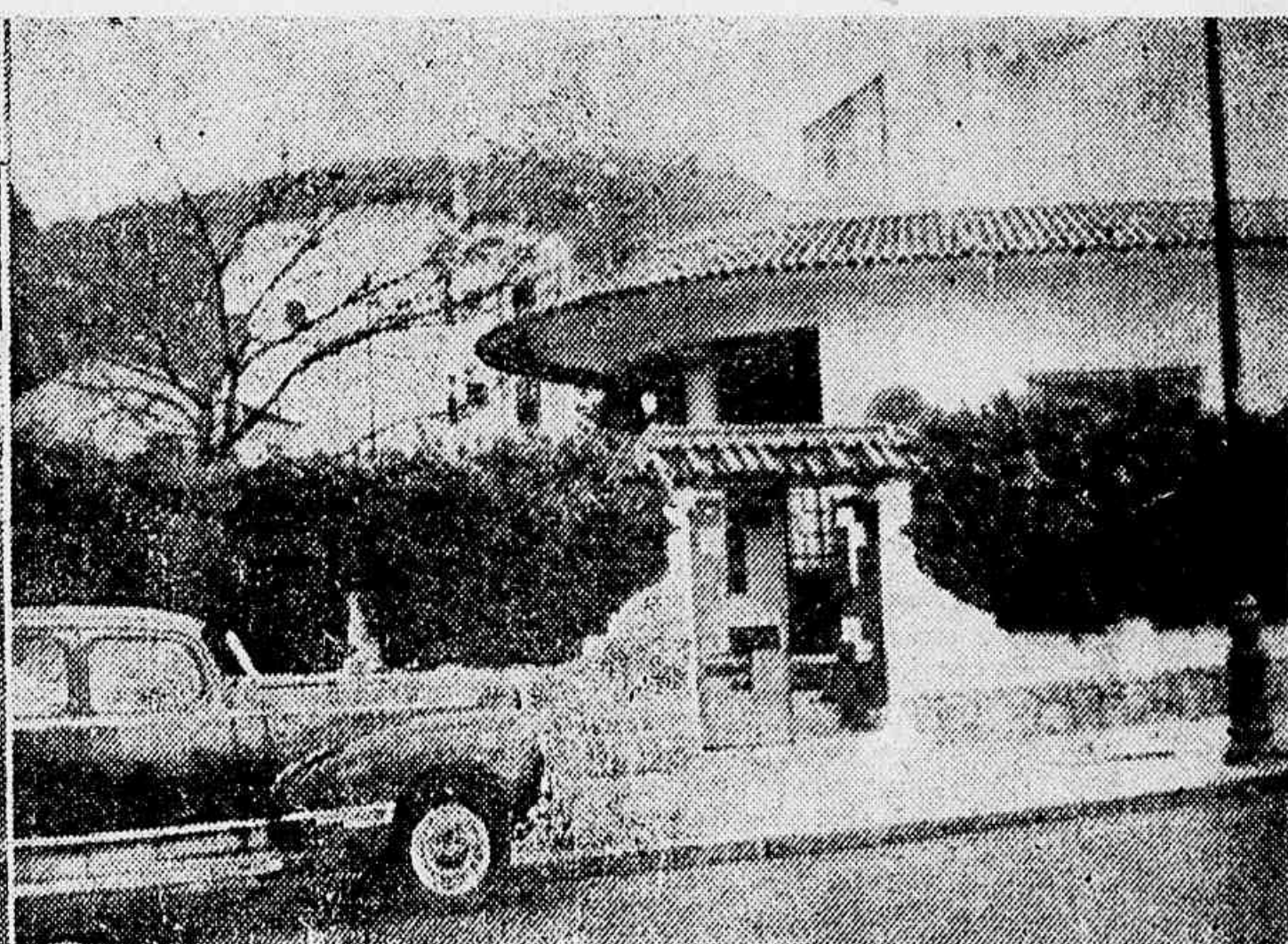
A Abreus...



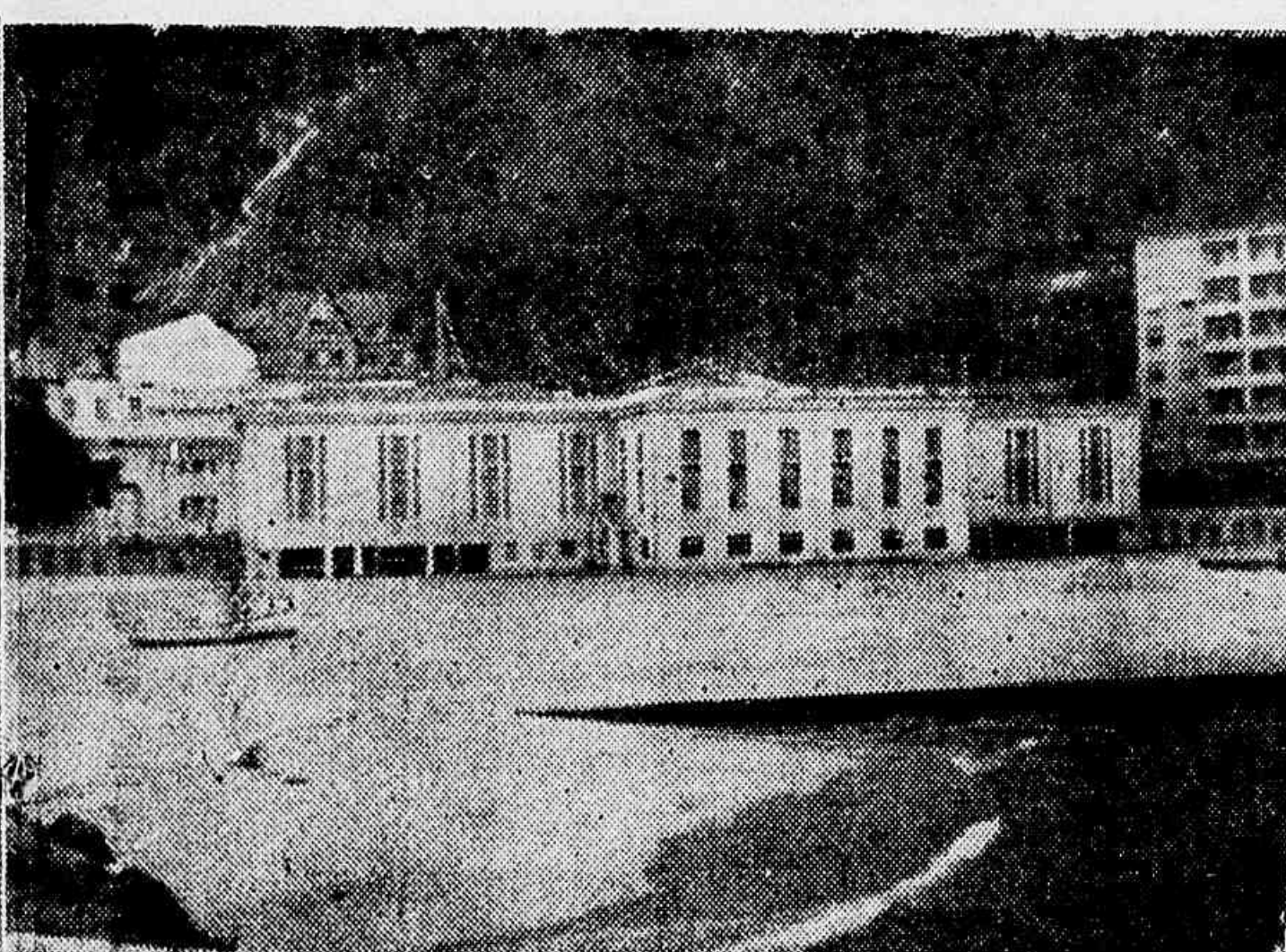
No caminho e jornal...



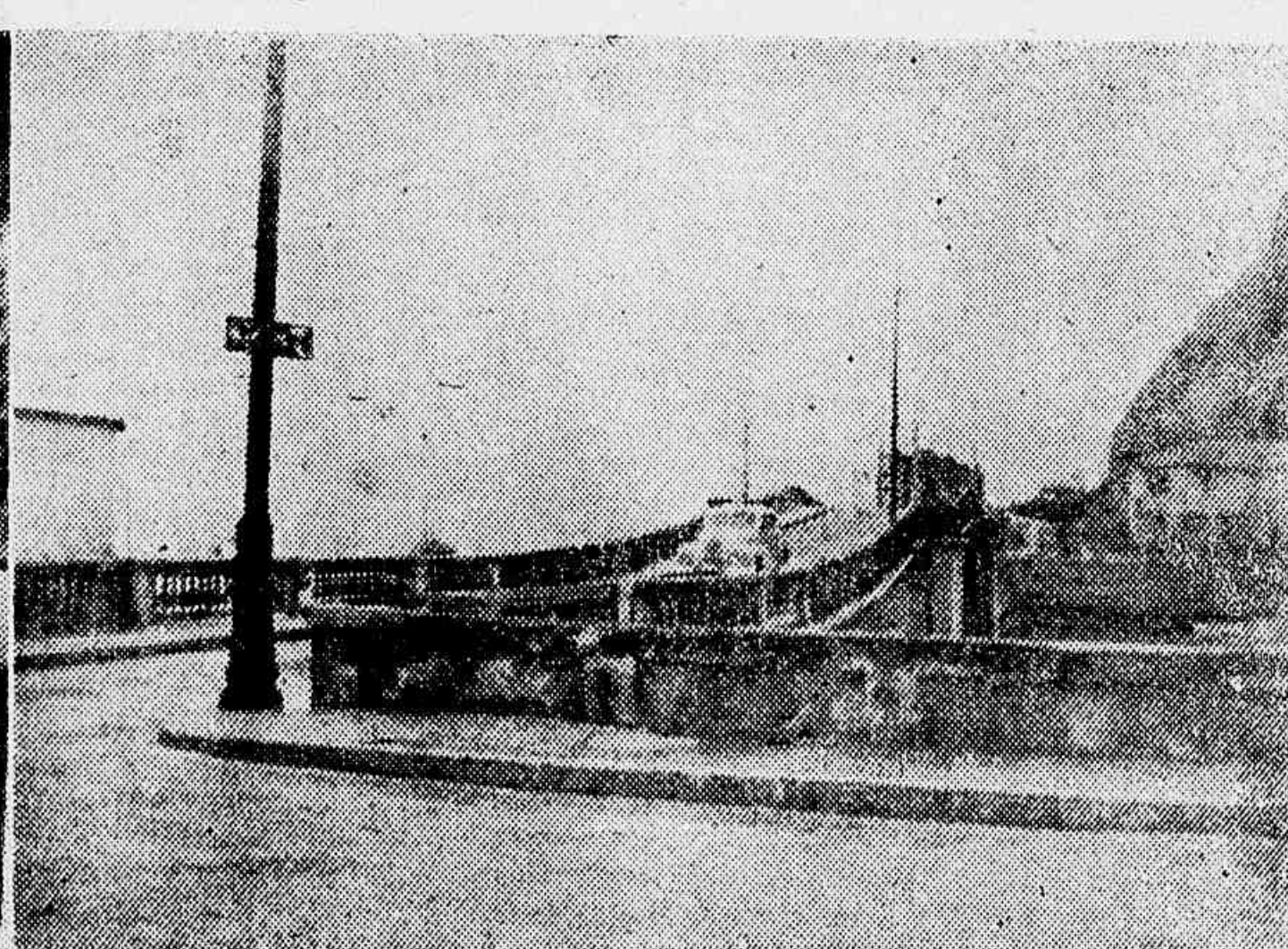
Os anos da igreja...



Sentimento de...



Offens. J. de...



Logo começo a Urca...



Duzentas heroínas

ANA

É verdade que as mulheres brasileiras são heroínas "de natureza", como se diz no norte. Porque o verdadeiro heroísmo é o da luta incessante, dia a dia. É a fome, a doença, o desabrigo, a companhia milhares de mulheres, da juventude à velhice. De vez em quando esse heroísmo vem para as ruas. É a mais bela página na história da Pátria. Assim foi, em 1822, quando as mulheres da cidade de Cachoeira, na Bahia, ajudaram, ativamente, na expulsão das tropas portuguesas, do general Madeira. Assim, aconteceu em muitas outras ocasiões. Nesse momento, as mulheres de Lafaite, em Minas Gerais, estão comovendo a opinião pública, com as suas atitudes firmes e corajosas, em defesa dos direitos dos companheiros.

Há algum tempo, este jornal publicou uma reportagem, sobre as condições de vida em Lafaite, Raposa e Nova Lima. Sobre o penoso trabalho dos mineiros. Enquanto os homens vão se afundando, na escuridão das minas, as mulheres passam fome com os filhos e esperam. Há falta de proteção adequada, ao contato de determinado material, que lhes cai no rosto. E as mulheres atormentadas, com a visão daqueles rostos queridos, que vão adquirindo outra forma. A forma da descrepitude e condição humana do indivíduo.

Lá estão as mulheres de Lafaite Tapandu, com os seus corpos famintos e cansados, a boca enorme e negra das entrincheiras da terra. Muitas não têm filhos pequenos. Não importa. Elas são as sentinelas, na batalha por mais um pouco de pão para os garotos. Devem amamentar os filhos ali mesmo, naquele posto avançado de combate. Outras terão uma nova vida, palpitando nos seios generosos. Genetosos de vida, de coragem, de compreensão, de amor pelo futuro que estão construindo. Seus rostos não se ressentirão do sol. Elas estão habituadas à soledade ardente, em busca de água e lenha, por léguas e léguas de distância. E quando o frio chegar, pela noite dentro, elas se aquecerão com aquele aconchego fraternal dos que sofrem e dos que lutam. A madrugada pode ser o começo de um novo dia. Mas, se foi apenas, o começo de um outro dia, elas lá estarão, as mulheres dos mineiros, defendendo o pão dos filhos, e a vida dos maridos.

Enquanto vou andando pelas ruas cheias de mulheres sorridentes, coloridas com a tonalidade da "maquiagem" mais moderna, vestidas numa elegante sala comprida, vou me lembrando daquelas 200 mulheres, que nos dão o mais belo exemplo desses últimos tempos. E minhas mãos vão corar que esboçando um gesto de carinho, que se perde na distância... Gostaria de tocar-lhes os rostos, onde os sinais das lágrimas devem ter sido substituídos pelas linhas que significam determinação. Que direi a vocês, mulheres de Lafaite? Vocês sabem aquilo que desejam. Mas, a vocês, mulheres do Brasil, eu poderei dizer muita coisa. Agora direi, apenas, que, onde quer que estejamos, sejamos dignas de nossas irmãs mineiras, na luta por fartura e por tranqüilidade.

Momento Feminino nos Estados

Comemorando a passagem do primeiro aniversário do MOMENTO FEMININO, um grupo de mulheres do bairro da Tamarineira, organizou uma festa em benefício do nosso jornal. A festa teve um caráter original e realizou-se em casa de uma leitora assídua do MOMENTO.

Nossas amigas ornamentaram toda a sala com coleções do MOMENTO FEMININO. Foi realizada uma palestra sobre a importância desse órgão de imprensa como guia da mulher brasileira, em sua luta por melhores condições de vida e em seguida teve início um animado festival dançante.

AMIGAS DO "MOMENTO FEMININO"

Se bem que com um pouco de atraso a "Associação de Assistência Social Feminina" do bairro de Casa Amarela, realizou no dia 15 do corrente uma festinha em homenagem ao MOMENTO, pela passagem do seu 1º aniversário.

Além da dança, o grupo teatral infantil da Associação apresentou número variado sendo a nota da festa uma dupla caipira que compôs música em homenagem ao nosso jornalzinho, que enviamos anexa. Foi feita ampla propaganda do jornal. A vendagem foi feita por comandos da Sociedade, que teve como lucro Cr\$ 103,00.

O AMIGO DA MULHER

Arranjo da dupla Senador e fazendinha. Escrito para o MOMENTO FEMININO — música de Lafaiete de 1º ano.

Arrecebemos foi um telegrama Nos convidando o homem, mulher e menino. Tão convidando pró aniversário Do jornalzinho MOMENTO FEMININO.

Ri. ai Que jornalzinho as mulheres têm Se elas todas se organizassem As coisas todas correria bem

Desde costura, moda e cinema Grafologia, também três poemas Pois o MOMENTO diz si não é Um grande amigo de vocês mulher.

Esse MOMENTO FEMININO é Escrito de mulher para mulher

BIOGRAFIA DE SILVIO ROMERO

Nascido na cidade de Lagarto, em Sergipe, aos 20 dias do mês de abril de 1881. Crítico, historiador, poeta e filósofo. É principalmente historiador da nossa literatura, que ele estudou sobre todos os aspectos e ainda investigador das tradições: o folclore, os cantos e os costumes populares. O escritor sergipano diplomou-se em direito na cidade de Recife no ano de 1863.

Vindo para o Rio de Janeiro, aí exerceu a advocacia. Conquistou depois em concurso o lugar de lente catedrático do Colégio Pedro II, sendo também professor de direito.

Pertenceu ao Instituto Histórico e à Academia Brasileira de Letras. São várias as suas obras: "A poesia contemporânea", "Cantos do fim do século", "Contos populares do Brasil", "Estudos sobre a poesia popular no Brasil", "História da literatura brasileira", etc., etc.

Silvio Romero faleceu no Rio em 18 de julho de 1914.

LUIZ VERNECK DE CASTRO

ADVOGADO

Rua do Carmo, 49 - 2.º - Sala 2. — Diariamente, de 12 às 13 e 16 às 16 horas.

Exceto aos sábados — Pone: 23-1054 —

Nela se encontra o que você quizer Pois leia ele e veja como é Que ele une todas as mulheres.

Instalou-se solenemente a diretoria do "Centro de Trabalhos Manuais" do bairro de São José com uma festa na casa da presidente, no dia 14 do corrente.

O Centro já iniciou cursos de bordados, costura e flores.

OLINDA

Gêrea de 70 mulheres em comissão, compareceram à Câmara daquela cidade a fim de apresentarem suas reivindicações. Entregaram um memorial solicitando a construção de muros de cimento às margens do rio em que são lavadas as roupas, bancos e abrigos. Como resultado desse justo movimento das lavadeiras o vereador Irineu Ferreira já apresentou um projeto criando lavandarias públicas, etc.

SERGIPE

As mulheres amigas e leitoras de O MOMENTO FEMININO, da cidade de Aracaju, comemoraram o aniversário de nosso jornal realizando uma festinha onde falaram três oradores, sendo Mariela Ramos Rocha, Hélio Nunes da Silva e Heloisa de Oliveira, que recitou o poema seguinte:

"MOMENTO FEMININO"

Eu quisera do bravo poeta Ter as frases tão elevadas para neste aniversário Recitar poesias inspiradas.

E somente o que tenho a dizer Nesta minha sincera ovação Enviando mil saudações Nesta simples saudação:

Eu te saudando o jornal querido Que vais ao longe sempre altaneiro Orientando, por todo este orbe A todos nós, povo brasileiro

Hoje que completas um ano E's pois ainda menino Recebe pois meu abraço

O MOMENTO FEMININO

Em resultado da festinha, nossas amiguinhas enviaram-nos a importância de Cr\$ 35,00, a que muito agradecemos.

GOIÁS

Recebemos quatro assinaturas de O MOMENTO FEMININO, solicitadas por D. Dinah Souza Frattari, da cidade de Vatahião, Estado de Goiás que agradecemos. D. Dinah é leitora e amiga de nosso jornal.

O SAL

O alimento sem sal repugna instintivamente ao nosso organismo. Acreditamos que isso acontece por força do hábito, mas a verdade é que o estômago está defendendo o nosso organismo. O sangue humano contém 120 gramas de sal; além disso várias secreções, como as lágrimas e o suor são salgadas. Assim, o corpo humano consome constantemente sal e precisa readquiri-lo. Além disso, o sal dá origem aos alcalinos protetores das paredes estomacais e também contribui para a formação do ácido clorídrico, que serve para ajudar a assimilação dos alimentos.

BASALTOS

Basaltos são rochas de cor escura, compactas e resistentes. Compõem-se de plagioclase, augite e olivina, contendo também magnetite e apatite. A densidade do basalto varia de 2,8 a 3, podendo ser dolerites — de grão grosso — anamesites — de grão médio — e o basalto propriamente dito, de granulação muito fina, invisível a olho nu. Existem ainda os vidros basálticos, que são tipos de basalto vítreo.



Maria Luiza Pezzoli, de S. Paulo, é uma amiga entusiasta de nosso jornal.

POR QUE TRÊS TIPOS?

São Paulo, 15 de agosto de 1943
Venho por meio deste grande jornal popular, fazer uma pergunta a quem couber me responder. — Ligo isto porque sendo eu uma dona de casa, tenho procurado todos os meios econômicos para o consumo da mesma. — Apesar de não estar satisfeita com os aumentos diários dos preços alimentícios, não pergunto o motivo, porque todos nós já sabemos muito bem. — Mas o que eu quero saber é por que o leite tem três tipos. — Sendo o tipo "A" custa Cr\$ 5,800 o litro, tipo "B" Cr\$ 3,50 e o tipo "C" Cr\$ 2,800 o litro. — Quem será que nos está sabotando? As vacas ou os touros que estão sob o controle da Saúde Pública. — Se o leite tipo "A" custa Vr\$ 5,80 o litro o que será isso que nós compramos como sendo leite tipo "C"? Nós as donas de casa precisamos acabar com isto porque sabemos que o leite quando sai da vaca é um tipo só. — E é esse leite de que precisamos nossos filhos, para gozarem de melhor saúde. — Precisamos unidas lutar para que seja vendido um único leite, o leite puro, sem mistura e por um preço que esteja ao alcance de todos. — Se assim é que poderemos tomar esse alimento sem receio de um envenenamento. — Sinto a necessidade de uma verdadeira campanha em prol do tipo único do leite. — Espero desse jornal esclarecimentos sobre o assunto, que ajude a nós donas de casa na compreensão exata do caminho a seguir. — Saudações democráticas. — MAGNA SILVEIRA.

ASSINE

MOMENTO FEMININO

3 MESES CR\$ 12,00
6 MESES CR\$ 22,00
12 MESES CR\$ 40,00

Pedidos para a Gerente

Luiza Regis Braz

Caixa Postal, 2013

RIO DE JANEIRO.

Algo sobre o "Momento Feminino"

ISABEL RICARTE

O papel desempenhado por este jornal quanto a situação criada pela crise econômica e política para as mulheres em geral, o torna um jornal digno de todos os aplausos. A atitude de suas dirigentes divulgando os problemas das mulheres, suas lutas por melhores salários, pelo barateamento

do custo de vida, das moradoras das favelas, enfim, todos os problemas que nos afligem, servindo de elo para a união de todas as mulheres, de norte a sul, de leste a oeste; mostrando-nos que qualquer que seja a latitude ou longitude, todas nós possuímos os mesmos problemas a resolver. Todas as seções deste jornal têm matéria de interesse para o sexo feminino e muitas vezes para o masculino. "Nossos Problemas", de sua diretora: "A mulher nos cinco continentes"; "Ternura humana", "Grafologia"; "Cinema", todas estas seções e as dedicadas ao movimento feminino quer no Distrito Federal, quer nos Estados, têm suas leitoras lições e experiências. A atenção dada ao problema da mortalidade infantil tão descuidado pelos poderes públicos; a alfabetização de nosso povo; o problema dos despejos de grande parte de famílias dão-nos a certeza de que somente as mulheres são capazes de encontrar a solução de seus problemas e exigir que seus direitos sejam respeitados. MOMENTO FEMININO veio suprir a necessidade que tínhamos quanto à divulgação e esclarecimento de grande parte da população. Sem partidário político ou religioso presta seus serviços ao povo, debatendo com ele e expondo ao governo, os pontos de vista de seus leitores. É útil sob todos os aspectos porque é atual, isto é, vive o momento angustioso por que atravessa o país. Fortaleza, 28 de julho de 1943.



PAULO ROBERTO, filhinho de nossos amigos Maria e Jorge Nicodeme, moradores à rua Lambary n.º 178, em Vaz Lobo (Dist. Federal).

Medicina e saúde

TRECHO DO ARTIGO SOBRE «SÍFILIS E GESTAÇÃO» DA DRA. ELINE MOCHEL MATOS, PUBLICADO EM «MOMENTO FEMININO» DE 15 DE AGOSTO DE 1947 E TRANSCRITO A PEDIDO

Todas as mães devem sentir a grande responsabilidade que tem para com a saúde futura de seus filhos, sobretudo no tocante aos processos sífilíticos. No nosso país, a sífilis constitui um mal social que se agrava dia a dia e que as autoridades competentes ainda não quiseram enfrentá-lo de fato. Costuma-se aceitar o "slogan" de que "todo brasileiro tem sífilis" como se isto constituísse uma glória. Não conhecem, de certo, os males causados por tal enfermidade que é hoje um dos maiores flagelos que atacam o nosso povo. Para as mulheres, principalmente, conhecerem e aplicarem os meios de proteção contra os males da sífilis é mais que um dever, e um ato patriótico.

A sífilis não é hereditária, é adquirida, pelo contágio direto de indivíduo para indivíduo. Um simples beijo pode ser transmissor do germen.

A criança adquire sífilis no ventre materno, desde que a mãe seja portadora da infecção. O germen passa do sangue materno para o sangue fetal e o resultado são consequências sérias e graves para o novo ser, se não houver um tratamento conveniente. Uma gestante infectada pode ter: 1.º) interrupção espontânea da gravidez — aborto sífilítico; 2.º) parto prematuro (7.º ou 8.º mês). A criança geralmente nasce morta; 3.º) quando a gravidez consegue ir a termo, o feto pode morrer durante o trabalho de parto ou horas depois.

Ha crianças que nascem aparentemente saudáveis, e qu eno curso de sua vida, desde os primeiros meses, vão sendo marcados cruelmente pelos sinais da sífilis, sinais que resistem ao tratamento e que são fatores de complexos e solitário moral dos pais e demais parentes.

Não podemos afirmar; mas a verdade é que a sífilis ataca de tal forma o indivíduo que verdadeiro monstros e deformados são vistos por aí agora, como que condenando aqueles que se descuidam da saúde do povo.

A sífilis não respeita cor nem dinheiro. Invade qualquer lar qualquer que seja a condição social. Você já deve ter visto alguém com um nariz em forma de sela ou de bulldog. É um adormecimento de origem sífilítica. E certas crianças de cabeça grande que o povo chama "cabeça d'água"? É outra deformação geral, entre sífilítica, é a hidrocefalia. A surdo mudes, certas afecções oculares, a epilepsia, a infelicidade, a idiotia e tantos outros.

OS ARQUITETOS E A HABITAÇÃO

PARIS, (S.F.I.) — O problema do consumo das refeições foi discutido no decorrer da Exposição Internacional de urbanismo e da habitação. O resultado das indagações do Instituto Nacional do Estudos Demográficos demonstrou que:

- 50% do público toma suas refeições na cozinha
- 45% na sala de jantar
- 5% variável

Em Paris, as estatísticas são um pouco diferentes:

- 59% na sala de jantar e
- 34% na cozinha,

o resto da população comendo no restaurante.

Em conclusão, considerou-se que o arquiteto deve tentar fazer cozinhas de tamanho igual ao da sala de jantar, ou prever na sala um "canto para comer", o que requer, forçosamente, um "living room" de boas dimensões.

A fim de facilitar a tarefa da dona de casa, certos arquitetos abrem a parede entre a sala e a cozinha encaixando um bufê de duas frentes, uma para a sala, outra para a cozinha, com uma porta corredeira abrindo uma passagem direta para os pratos e travessas.

A MULHER NOS 5 CONTINENTES

CONCURSO LITERÁRIO PARA MULHERES

Aviadora brasileira Anésia Pinheiro Machado, representante, em nosso país, da Women's International Association of Aeronautics, dirigiu-se ao Ministério da Educação informando que aquela instituição, fundada há 15 anos em Los Angeles, Califórnia, com o objetivo de desenvolver e estimular o interesse pela aviação entre as mulheres de todo o mundo, organizou há dois anos, um concurso literário Internacional sobre temas relativos à aeronáutica.

Esse concurso é aberto a todos os que dele queiram participar, concorrendo a prêmios em dinheiro ou em objetos de arte. Os colocados em primeiro e segundo lugar terão, ainda os seus nomes inscritos no "Donald W. Douglas Perpetual Trophy" e no "I.W.A. Perpetual Trophy".

Os trabalhos podem ser redigidos e qualquer idioma, em prosa ou verso, podendo constar de artigos, contos, poesias, etc. Observando o tema geral, o assunto é livre sugerindo-se, todavia, os seguintes títulos: "Voar nas linhas aéreas"; "Pilotando um avião civil"; "A mulher e a aviação"; "Avião e turismo"; "Voando ao redor do mundo"; e "Avião para a Paz". Serão, também, aceitos, "scripts" originais para realização radiofônica ou cinematográfica.

Segundo informou aquela conhecida aviadora patricia, no ano passado, foi conferida menção honrosa a uma senhora do Rio de Janeiro que participou do concurso.

Para o presente ano, visando dar maior divulgação ao certame e atendendo a um apelo especial de Mary Pickford, famosa atriz do cinema mudo e atual presidente da organização, a aviadora Anésia Pinheiro Machado solicitou ao Ministério da Educação que auxiliasse com os recursos oficiais para a mais ampla difusão bases do concurso.

Os originais serão recebidos pela W.I.A.A., em Los Angeles, Califórnia, E.U.A., até 1.º de setembro do corrente ano.

BRASILEIRA ELEITA PARA O COMITÊ MUNDIAL DOS BANDEIRANTES

COOPERSTOWN (Nova C. Cooperstown (Nova York), (A. P.) — A sra. Rosita Sampaio eleita para o Comitê Mundial da Associação Mundial das "Girl Guides" e "Girl Scouts", na 12 conferência internacional da organização.

UNIÃO FRANCESA CHUVA ARTIFICIAL NA TUNÍSIA

PARIS, (S.F.I.) — O Exército do Ar fez na Tunísia experiência de chuva artificial, que alcançaram pleno êxito para o método francês empregado.

Pela primeira vez foi usada a água fria como produto pluvigêneo, com projeção de gás carbônico.

Uma extensão com mais de dez quilômetros de diâmetro pode assim ser regada.

Está em estudo a repetição frequente dessa experiência, que permitiria dar nova prosperidade a regiões demasiado secas.

União Alemã de Mulheres

Paris (AFP) — A emissora de Moscou anuncia que uma delegação da "União Democrática das Mulheres Alemãs" chegou ontem a Moscou, sob a chefia da senhora Emma Damer, presidente da União.

Pedimos notícias

Pedimos notícias a todas as organizações femininas do Distrito Federal sobre as suas atividades, a fim de publicar nesta página. Cada Associação poderia tirar a correspondente para nosso jornal. Que acham da idéia? Esperamos resposta.

AINDA NOSSO ANIVERSÁRIO



Saudação da Dra. Arroyo, do México, presidente da União do Mulheres espanholas, "Mariana Pineda".

"Saudamos MOMENTO FEMININO e suas colaboradoras, participando de sua legítima alegria e satisfação ao ver realizado o 1.º aniversário desse jornal, estandarte de seus ideais.

Expressamos também a felicitação de nossa União de Mulheres, nesse glorioso aniversário, assim como a expressão de nossos desejos de muitos êxitos no trabalho que redundará em benefício das mulheres que tão valiosamente lutam pela Paz no mundo todo.

Esse documento é também assinado por Emilia Elias de Ballesteros, secretária geral da União do Mulheres espanholas do México, Mariana Pineda".

Conferência de Viúvas

Realizou-se a Conferência Nacional das Viúvas e órfãos das vítimas das duas grandes guerras. Foram votadas resoluções fixando as reivindicações principalmente a da pensão de 24.000 francos.

"Para seu album"

Vicente Carvalho

SONETO

Só a leve esperança, em toda a vida
Disfarça a pena de viver, mais nada;
Nem é mais a existência, resumida,
Que uma grande esperança malograda.

O eterno sonho, da alma desterrada
Sonho que a tráz ansiosa e embevecida.
É uma hora feliz, sempre adiada
E que não chega nunca em toda a vida

Essa felicidade que supomos,
Arrebatada que sonhamos
Toda arrebatada de dorados pomos,

Existe, sim; mas nós não a alcançamos
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos.



LEIA ESFERA NOS JORNALEIROS

Ameaçados arbitrariamente de despejos os moradores da Favelinha do Hospício

Nos fundos do antigo Hospício de Alienados, na Praia Vermelha, em terreno baldio pertencente à União, existe uma pequena favela onde moram cerca de 50 pessoas que de maneira arbitrária e ilegal, estão sendo, nestes últimos dois meses, notificadas repetidas vezes com ordem verbal de mudança, ora partida do diretor do Hospício, ora da Divisão de Obras do Ministério da Educação e frequentemente são ameaçadas pelo funcionário do Hospício, sr. Mendes, que não se peja de garantir a mulheres em adiantado estado de gravidez a demolição ou incêndio de seus barracos, para o que marca datas, numa guerra de nervos cruel e desumana, sendo que há pouco foi cortado o abastecimento de água.

Em vista destes acontecimentos resolveram os moradores organizar uma comissão de defesa dos seus interesses, tendo a referida comissão procurado jornais e autoridades protestando contra tais abusos; procurou ainda a comissão entrar em entendimentos com os responsáveis, o que não conseguiu.

Nossa reportagem dirigiu-se à favelinha do hospício no intuito de ouvir seus moradores e colocar a disposição dos mesmos para defesa de seus interesses o MOMENTO FEMININO.

Num dos primeiros barracos conversamos com D. Maria Alves Rodrigues, mãe de 4 filhos, sendo um deles recém-nascido.

Disse-nos ela: — "Estou de resguardo e não tenho para onde ir. Aí tem uma vizinha grávida e outra tendo filho. Assim assim, seu Mendes nos ameaçou dizendo que se a polícia não vier ele vem sozinho e derruba os barracos."

Luís Sebastião de Jesus, outro morador, conta-nos sua história:

— "Eu morava no mofro da Catumbá encostado no barraco de uma irmã. Começo o terceiro morador a entrar aqui. Estão dizendo que a gente não tinha direito de invadir terreno baldio. Não invadiamos. O terreno não tinha vigia e o que é do Governo é do povo. Assim foi que de um barraco veio dois, de dois veio três, de três veio quatro e daí por diante."

E prosseguiu depois de uma pausa:

— "Tenho um terreno em Coelho da Rocha. É a terceira esta-

ção acima da Pavuna. Mas não tenho dinheiro para fazer construção, ou então para a mudança de meu barraco. Isso aqui de gastar mais de um transporte e cada transporte custa no mínimo seiscentos cruzeiros".

Maria Alves, aconchegando seu recém-nascido, entra de novo na conversa:

— "A gente que tem filho e uma dificuldade. Ninguém quer inquilino com criança. Até uns 250 cruzeiros eu podia pagar. Trabalho e meu marido também. Mas onde iremos encontrar moradia dentro de nossas posses? Fico reduzida a ter de me encostar na casa de um parente ou de minha comadre..."

— "E eu que nem parente tenho aqui", interrompeu sua vizinha Maria Lira — "tenho mesmo é de ficar na rua".

— "Tenho parente mas vou incomodar", retrucou Maria Alves. A gente vai para a casa dos outros e fica inferiorizada. Inda mais com filho".

— "Filho também tenho" disse Maria Lira. — "Vou inteirar agora sete. Já perdi três garotos. Dois garotos e uma menina".

E pensativa, como que perseguindo uma saudade acrescentou:

— "A menina morreu de tombo, um garoto morreu de contrariedade e o primeiro foi tirado a ferro."

Em outro barraco conversamos com d. Iracema Marques Robal.

Disse-nos ela:

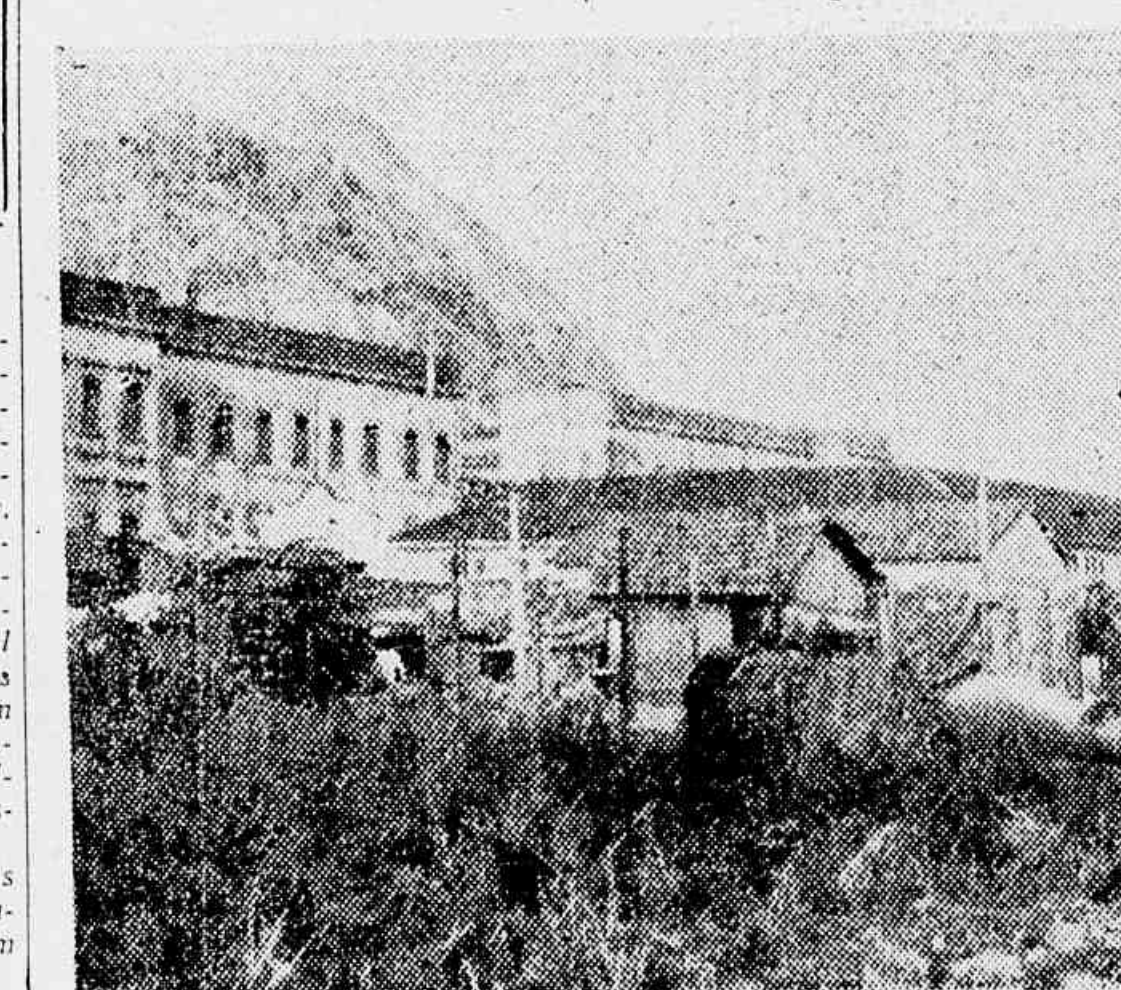
— "Não tenho para onde ir. Minha única parenta é uma irmã que mora muito, muito longe daqui. Na rua S. João Batista onde eu morava o prédio ia abaixo e eu dei graças a Deus de encontrar esse barraco. Tenho uma filha de 19 anos que é doente. Agora não sei o que vai ser feito de nós".

São assim as histórias dos moradores não só da favelinha como também de todas as favelas do Rio de Janeiro. Falta de local para construir casebres, despejo das casas de cômodos e a fúria demolidora do Prefeito que só veio agravar tremendarmente o problema.

Para finalizar colhemos a opinião dos responsáveis pela Comissão de Defesa dos Moradores da Favela do Hospício.

Afirmaram-nos que a Comissão apoiada por todos os moradores continuará dirigindo a luta contra

as arbitrariedades que ali estão acontecendo até que apareçam responsáveis dispostos a entrar em entendimentos com a referida Comissão para solucionar o problema de acordo com interesse da maioria.



A mulher e as despesas domésticas

NICE FIGUEIREDO

Gastamos muito tempo e muito espaço para provar às leitoras as vantagens decorrentes do trabalho remunerado, vantagens que se refletem, sobretudo na capacidade civil da mulher casada, na organização da família e no exemplo de utilidade social que a mãe e a mulher trabalhadora dá aos seus filhos e ao marido e dos mais significativos e também na satisfação individual de manter-se a si própria e ajudar os que lhe são caros, o grupo e a sociedade em que vive.

Hoje, vamos continuar o nosso exame da capacidade civil da mulher casada.

Ainda não abordamos uma questão que é de muito interesse para a mulher casada que tem filhos, por exemplo, e que não trabalha, dependendo exclusivamente do marido: a alimentação e a satisfação das outras necessidades domésticas.

O problema é o seguinte: De acordo com a lei, a mulher casada precisa da autorização do marido para realizar uma série de atos da vida civil, como vender e comprar. Se a mulher não tem o dinheiro e faz a compra para o marido pagar, é compreensível que este deva autorizá-la.

Mas com a compra, o dinheiro ou o crédito, das coisas necessárias à economia doméstica, há sempre uma presunção de que o marido autorizou, quer dizer o marido está obrigado a pagá-la como, também, a reembolsar a terceira pessoa, que, por acaso, haja emprestado à sua mulher, a quantia para adquirir essas coisas necessárias à economia doméstica.

Esta regra estabelecida pela lei, visa amparar a mulher e os filhos, evitando que os mesmos fiquem sem alimentação, por exemplo, necessidades que não se pode adiar à espera de uma solução que obrigue o marido ou pai a cumprir com a estafante dever de sustentar sozinho a sua família.

A regra é aplicável, também às mulheres cujos maridos são maridos modelos, como uma medida de facilidade, a fim de não ser necessária para cada compra no armazém, por exemplo, uma autorização especial do chefe da família.

Pena é que tal dispositivo de lei seja inoperante, porque não consegue o objetivo de proteger a mulher e os filhos da irresponsabilidade dos pais e maridos, porquanto vivemos numa época de compras a dinheiro sobretudo quando se trata de gêneros alimentícios, de sorte que, pouca diferença faz, para a mulher, ter ou não ter autorização do marido, se ela não tem dinheiro para comprar o que necessita para si e para os filhos, nem consegue arranjar emprestado esse dinheiro.

UMA PROIBIÇÃO

Os jornais comentaram, em grandes títulos a proibição do sr. Delegado de Costumes: — As "taxi-girls" não podem dançar com sapatos de saltos altos. O nome é americano, mas as moças são brasileiras. Ganham a sua vida, lançando a noite inteira. Que elas continuem dançando diz o Delegado, mas de saltos baixos. Perguntamos que mal faz à moral o fato dessas pobres moças ganharem sua vida com um mínimo de conforto e de comodidade — saltos baixos. Em que os saltos baixos afetariam os bons costumes?

Nós sabemos quanto nos doem os pés, numa viagem de ônibus, quando só nos resta aquela "fila do em pé"...

MOMENTO FEMININO

Diretora:
ARCELINA MOCHEL

Gerente:
LUIZA REGIS BRAZ

Redação e Administração:
AV. RIO BRANCO, 257
Sala 715 — C Postal 2013
Rio de Janeiro

Número Avulso. Cr\$ 1,00
Atrasado Cr\$ 2,00

União Feminina de Botafogo

Esta União vem desenvolvendo nas últimas semanas uma grande atividade no sentido de ampliar a sua organização, fazendo assim com que maior número de mulheres se inscreva no seu quadro social.

Após terem trabalhado no sentido de conseguir dinheiro, a diretoria pôde registrar os estatutos, da entidade, o que muito facilitará os futuros trabalhos a serem realizados.

Dia 2 de setembro foi inaugurado um curso de corte e costura, pois hoje em dia com a terrível crise que atravessam as famílias brasileiras, a mulher que sabe coser em casa as suas roupas terá com isto feito uma economia em seu minguado orçamento.

A 9 do corrente festejará esta União mais um aniversário que será comemorado dia 11, sábado com um baile em sua sede, à rua Marquês de Abrantes 144.

Uma interessante iniciativa das mulheres de Botafogo, foi a venda que realizaram no morro de S. Clemente, de nosso jornal. Com este trabalho tiveram a oportunidade de, ao mesmo tempo que faziam propaganda de um jornal de mulheres e para mulheres, que cuida dos problemas femininos conseguir associadas para a União, bem como fazer com que diversas sócias que há tempos não frequentavam a União, se interessassem em voltar novamente.

Finalmente, as mulheres de Botafogo aderiram à campanha do Pe-

trôleo, que está sendo desenvolvida no D. Federal e em outros Estados, através da Comissão de Petróleo de Botafogo, Praia Vermelha e Urca. Como viram, as mulheres de Botafogo estão trabalhando intensamente o que serve de exemplo às demais organizações femininas.

UM RELO TRABALHO DE SOLIDARIEDADE

Quando há meses atrás ocorreu a célebre explosão em Deodoro, da qual saiu grande número de vítimas — mortos e feridos — homens e mulheres, imediatamente as mulheres dos diversos pontos do Distrito Federal organizaram em suas associações, comissões de solidariedade a essas vítimas, que angariaram roupas, alimentos, remédios e dinheiro para socorrer as famílias desamparadas.

Diversas associações destacaram-se nesse trabalho, tão humano, entre elas a Frente Democrática de Copacabana, o Instituto Feminino de Serviço Construtivo, a União Feminina de Madureira e os funcionários do I.A.P.I. que compreenderam a necessidade de uma ajuda àquelas famílias.

Na semana passada, mulheres da U. F. de Madureira, do Instituto Feminino de Serviço Construtivo e um grupo de funcionárias do IAPI com o produto das finanças obtidas, organizaram-se numa equipe, que, de caminhonete, foi a Deodoro; percorrendo onze casas de famílias das vítimas, teve oportunidade de fazer a entrega de cobertores, roupas, calçados, mantimentos, etc. e levar o conforto moral às mesmas. Não precisamos dizer como foram estas mulheres acolhidas, pois as necessidades das famílias são as

maiores possíveis, encontrando-se completamente na miséria e abandonadas.

São muitas as crianças abandonadas, pois parte das vítimas da catástrofe foi de mulheres.

Outras visitas dessa natureza ficou esta comissão de fazer e realmente é, preciso que sejam feitas, não só por este grupo como pelos demais grupos femininos. Não só às vítimas de Deodoro como a outras vítimas de outras catástrofes, de arbitrariedades, de famílias cujo marido perde o emprego, de famílias de presos.

Este é um trabalho louvável e é um trabalho a ser feito pelas mulheres.

ESTATUTOS DA UNIÃO FEMININA DE...

Abaixo publicamos os Estatutos da União Feminina de... a fim de satisfazer os diversos pedidos que temos recebido do interior do Brasil, nesse sentido.

Naturalmente que estes Estatutos não podem servir como regra geral para todas as organizações, pois cada organização em cada Estado e mesmo em cada local tem as suas características próprias — surge para defender determinados problemas da mulher.

Portanto estes Estatutos podem apenas servir de base para a confecção de outros. É uma ajuda que nosso jornal transmite às mulheres que do Interior a pediram.

CAPÍTULO I

DENOMINAÇÕES E FINS

Art. 1 — Sobre a denominação de União Feminina de... (U.F.) fica constituída no Distrito Federal, por tempo indeterminado, uma sociedade civil, fundada em 9 de se-

tembro de 1946, com os seguintes fins:

- lutar contra o encarecimento da vida, trabalhar para conseguir melhor abastecimento de gêneros de primeira necessidade e elevação das condições de vida para a população carioca em geral e para os residentes de... em particular;
- proporcionar assistência social, cultural e médica às donas de casa e às suas famílias;
- lutar pela tranquilidade da família brasileira defendendo a ordem interna e empenhando-se pela conservação da paz mundial.

CAPÍTULO II

DAS SÓCIAS

Art. 2 — Poderá ser sócia qualquer pessoa do sexo feminino, independentemente de cor, nacionalidade, credo político ou religioso.

Art. 3 — Para ser sócia basta assinar uma proposta da sociedade e pagar uma mensalidade mínima de Cr\$ 1,00, sendo o máximo a critério de cada sócia.

Art. 4 — Haverá duas categorias de sócias:

- contribuintes, isto é aquelas que pagarem uma mensalidade conforme está indicado no artigo anterior
- benfeitoras, isto é, aquelas que derem uma contribuição em dinheiro ou bens, de Cr\$ 5.000,00 ou mais.

A União dará o título de sócia benemerita às associadas e a ambas as categorias que conseguirem 50 novas associadas.

CAPÍTULO III

DOS ÓRGÃOS DIRIGENTES

Art. 1 — A autoridade suprema da União é a sua Assembléia Geral Mensal.

Art. 6 — As assembleias extra-

ordinárias poderão ser convocadas pela Diretoria para casos de importância e bem assim reunir-se por convocação de dois terços das associadas quites.

Art. 7 — Cabe à Assembléia Geral:

- eleger os membros da Diretoria;
- reforçar os estatutos;
- decidir sobre a dissolução da União.

Art. 8 — A diretoria será eleita anualmente, na Assembléia Mensal de janeiro de cada ano, sendo seus membros demissíveis por maioria de votos da referida assembleia.

Art. 1 — A diretoria se comporá de 1 presidente, 1 vice-presidente, 1 secretaria geral, 1 secretaria e 1 tesoureira.

Art. 10 — A diretoria reunir-se-á semanalmente, em sessões públicas para as sócias quites, as quais poderão manifestar sobre os assuntos tratados pela diretoria.

Art. 11 — A presidente da U.F. é a sua representante legal sendo, em suas faltas e impedimentos, substituída pela vice-presidente.

CAPÍTULO IV

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 13 — A U.F. para maior aproveitamento dos fins a que se destina terá tantas comissões de trabalho quantas lhes forem necessárias.

Art. 14 — No caso de extinção da sociedade, as sócias remanescentes darão o destino que lhes parecer melhor ao seu patrimônio de preferência porém a uma sociedade congênere.

Art. 15 — As sócias da U.F. não respondem subsidiária ou solidariamente pelas obrigações contraídas pela mesma.

essa história. Você não conhece Yap? é um cachorrinho engraçado, de que ninguém gosta, a não ser eu e Tom.

— Você liga tanto para mim quanto para Yap, Maggie? — perguntou Felipe, sorrindo tristemente.

— Oh, sim, acho que sim! respondeu Maggie, rindo-se.

— Eu gosto muito de você, Maggie, e nunca hei-de esquecê-la. Quando eu estiver triste, hei-de pensar em você, como se eu tivesse uma irmã de olhos pretos iguais aos seus...

— Porque você gosta dos meus olhos? — indagou Maggie, divertida, pois nunca ouvira ninguém falar do merito dos seus olhos, além de seu pai.

— Não sei. Eles não são semelhantes aos de ninguém. Parece que querem falar, dizer coisas boas. Não gosto que os outros me olhem muito, mas gosto quando você olha para mim, Maggie.

— Acho que você me quer mais do que Tom, comentou Maggie, meio magoadas. Depois, procurando convencer o rapaz de que retribuía do mesmo jeito o seu afeto, a-pesar-dêle ser corcunda, ela perguntou:

— Você gostaria que eu o beijasse, como faço com Tom? Se você quiser, diga.

— Sim, gostaria tanto! Ninguém me beija!...

Maggie enlaçou-lhe o pescoço com o braço e beijou-o fraternalmente.

— Agora, — disse ela, sempre me lembrarei de você, e hei-de beijá-lo sempre que o encontrar, nem que seja daqui a muito tempo. Mas eu preciso subir, que o Dr. Askem já arrumou o pé de Tom.

Quando seu pai veio a segunda vez, disse-lhe Maggie: — Oh, papai, Felipe Wakem é tão bonzinho para Tom, tão inteligente que eu gosto dêle. E você também gosta, não é Tom? Diga que sim!

O rapaz corou um pouco, ao olhar para opai: — Eu não serei mais amigo dêle, quando sair da escola, papai; mas agora eu sou, desde que meu pé ficou ruim. Felipe me ensina a desenhar e eu não posso dar nêle.

— Está certo! aprovou o sr. Tulliver — se ele trata bem de você, procure corresponder e trate bem o rapaz. É um pobre corcunda, parecido com a defunta mãe dêle. Mas não fiquem muito íntimos, que ele tem também sangue do pai. E, os pais cinzentos as vezes esqueciam como os antepassados pretos...

As naturezas discordantes dos dois colegas fariam o que o simples aviso do sr. Tulliver não conseguiria fazer, pois a-pesar-da nova afabilidade de Felipe, a qual Tom correspondeu durante a molestia, eles nunca ficaram realmente amigos íntimos. Quando Maggie e foi e seu irmão começou a andar como de costume, o calor da amizade que despontara entre os rapazes à custa de piedade e gratidão foi pouco a pouco se apagando, pondo-os afinal nas mesmas relações que antes. Felipe era muito vez impertinente e desdenhoso, e as melhores e mais específicas impressões de Tom gradualmente se recolheram ao antigo terreno da suspeição e do aborrecimento do colega, sujeito esquisito, corcunda, e filho de um maldito. Para que meninos ou homens sejam ligados no ardor de sentimentos pa-sageiros, precisam ser de metais que se misturem. Se assim não for, inevitavelmente eles se hão-de separar, logo que esmoreça o calor do fogo.

o seu golpe de mestre. Enrugando a face com dupla intenção, cuidadosamente ele retirou o sabre da bainha e apontou-o para Maggie.

— Por favor, Tom, não faça isso! — suplicou a menina, com irreprimível temor, correndo para o canto do quarto dêle. — Eu vou gritar! De verdade, eu vou gritar! Não faça assim! Antes eu não tivesse subido!

Os cantos da boca de Tom mostraram o esboço dum sorriso de complacência, que foi imediatamente abafado por importuno na severidade de um grande guerreiro. Devagar ele bateu com a bainha no solo, com o menor barulho possível, e disse austeramente:

— Eu sou o Duque de Wellington! Marche! e descreveu com a perna direita um pequeno salto, o sabre sempre apontado para Maggie, que, tremendo, os olhos cheios de lágrimas, subira para a cama, única forma de encompridar o espaço entre eles.

Tom, satisfeito com esse resultado da sua destreza militar, mesmo sendo a irmã o único espectador, continuou com todo o impulso de sua força, na exibição de cortar e cair a fundo, como necessariamente seria de se esperar do Duque de Wellington.

— Tom, eu não aguento mais, eu vou desmaiar! — avisou Maggie, ao primeiro movimento do sabre. — Você vai se machucar e corta fora a sua cabeça!

— Um, dois — dizia Tom, resolutos, mas ao dizer "dois" seu pulso tremeu um pouco. "Três" veio mais vagarosamente, e com ele a arma caiu no chão e Maggie deu um grande grito. O sabre saíra de ponta sobre o pé do rapaz, que logo o a seguir tombou também. Maggie saltou do leito, ainda gritando, e imediatamente se ouviu um tropel na direção do quarto. O sr. Stelling, que estava no escritório de cima, foi o primeiro a chegar. Encontrou as duas crianças no chão. Tom tinha desfalecido, e Maggie o sacudia pela gola do paletó, gritando, com os olhos arregalados. Pensava que o irmão estava morto, coitado! e porisso o sacudia, como se isso pudesse trazê-lo de novo à vida. Logo depois ela estava soluçando de alegria, porque Tom abriu os olhos. Nem se lembrava de que ele tinha ferido o pé — pois a menina parecia que toda a alegria do mundo estava no fato do irmão estar vivo.

CAPÍTULO VI

Uma cena de amor

O pobre Tom suportou heróicamente a sua dor, mantendo a resolução de não falar do sr. Foulter mais do que fosse inevitável. A moeda de cinco shillins permaneceu em segredo até para Maggie. Mas havia uma terrível dúvida a atormentar-lhe o espírito — tão terrível que ele evitava a pergunta que podia trazer um fatal "sim" do cirurgião ou do sr. Stelling: "Será que eu fico aleijado?" Controlou-se todo o tempo para não gritar de dor. Mas quando o pé foi envolto nas ataduras e o rapaz ficou só com Maggie, sentada a seu lado, começaram os dois a soluçar juntos, com as cabeças no mesmo travesseiro. Tom via-se caminhando com muletas, como o filho do carpinteiro, e Maggie, que não percebia o que lhe ia na mente, soluçava para lhe fazer companhia. Não ocorrera ao médico, ou a Stelling, dissipar essa dúvida do espírito de Tom e reanimá-lo com palavras de esperança. Mas Felipe aguardava o cirur-

Salve 26 de Agosto de 1947!

O cético o idealista

(Para o meu filho WAMBERTO)

O cético tem o coração despovoad,
A incredulidade a alma esteriliza,
E se algo brota é sem exuberância,
A descrença o coração imobiliza.
A criatura sem fé é como um cego
Que agarra-se a tudo, que lateia,
DEIXANDO CAIR COISAS QUE ESPESINHA
E ENTRE PAREDES DE UM QUARTO VAGUEIA

Quando a chuva cai, leve esparsa
Em terreno gretado por longa estiagem
E como a fé na coração do cético
Nenhum vestígio fica a sua passagem,
Nem sonhos, nem ideais, nem crenças
Nada floresce, nada desabrocha
NEM DEUS, NEM AMOR, NEM ESPERANÇA
E O CORAÇÃO É TORNA DURA ROCHA.

Os idealistas, são ricos de fé
Como as estrelas em cintilações,
O êxtase da fé amplexa-lhes os rostos
E a esperança amplexa-lhes os corações.
As intempéries da vida não os desanimam,
Transformam em harmonias seu ideal risinho,
Crenças inspiradas pelas paixões ou crenças,
Os enlevam até a realização de um sonho.

CECILIA

NICE FIGUEIREDO

ADVOGADA

Esc.: Av. Pres. Antônio Carlos, n. 207 — S/302-A

— Telefone 25-0347 —

GRAFOLOGIA

GILDA

CARUNCHIO — Rio — Uma grande força de vontade, e como resultante, notável tenacidade. Método, perspicácia, energia. Mas grandes e muitos complexos de inferioridade. Todavia, domina-os e age com desassombro, impondo-se ao respeito e a estima geral. É muito ativa e ciumenta, desconfiada e geniosa...

TRISTE E SO — São Leopoldo — Serenidade, prudência, comodismo. Senso estético e tendência artística. Vida cautelosamente programada, ambientação perfeita, atividade metódica. Sentimentalismo um tanto morbido, resultante dos grandes ocios de que é cheia a sua vida. Aconselha-a a se interessar pelos problemas nacionais, a campanha do petróleo por exemplo, que cupulga todos os brasileiros sem distinção de credos políticos, religiosos ou filosóficos. Veja como é bom pensar um pouco na coletividade, fazendo a vida tomar um rumo eficiente e útil.

SINHA D'AMOA — Rio — Sua letra revela um temperamento intensamente ativo e romântico. Muita vaidade e egocentrismo. Deliberação formal, que não admite controle ou imposições. Ansiedade, bom gosto, elegância de espírito. Sentimentos nobres. Certa tendência para a literatura de ficção. Atração pelo fantástico. Lealdade e devotamento.

UM NATURALISTA — Rio — Grandes sofrimentos devem ter perturbado a sua vida. Emoções violentas e dolorosas marcaram sua personalidade duma neurose intensa, que vai melhorando lentamente e há de desaparecer em breve. Isolamento. Angústia. Senso estético e sensibilidade artística.

TOCO — Que linda carta, meu bem! Senti como se você tivesse deramado a sua alma inteira sobre aquela folha de papel para enviá-la ao MOMENTO FEMININO. Basta lê-la, mesmo sem conhecimentos grafológicos, para sentir a sua delicadíssima complexão psicológica. Mas considerando a letra, exclusivamente, como precioso material destinado à apreciação grafológica, tenho a dizer: — você é uma inteligência clara, um coração terníssimo. Apesar daquela referência do início e dos erros de grafia contidos no texto enviado, posso dizer que você é um espírito superiormente esclarecido. É um tanto nervosa e impressionável, talvez mesmo supersticiosa e até desconfiada... mas tem uma capacidade de raciocínio e uma penetração das coisas que

raramente se encontram numa mulher nas condições declaradas. Enfim, suas características morais são muito superiores. Sem hipocrisias, sem pieguismos, sem preconceitos, você encara a vida como deve ser encarada! — realisticamente. Por isso sabe ser mãe e esposa com o maior senso de responsabilidade. Além disso é bem humorada, emociona-se com as coisas belas da vida e sente as dores humanas com um verdadeiro sentimento de fraternidade. O seu retrato grafológico, Toco (que pseudônimo tão feio!), resume-se nesta frase: — uma mulher superior!

CARLOS LÚCIO — Atividade programada sem atropelos. Energia inteligente, sem violência. Hesitação e prudência. Perspicácia e senso de justiça. Tendência para os estudos objetivos — como a biologia, por exemplo. Decisão inabalável. Honestidade. Franqueza e certa indiscreção resultante dessa franqueza. Atividade intensa e sentimentalismo. Muito sensível à beleza da vida e das reações do coração humano.

A LETRA REVELA A PESSOA!

PEÇA UM RETRATO GRAFOLOGICO

Nome

Pseudônimo

Inclua uma página manuscrita em papel sem pauta.

Remeta para a Caixa Postal 2013, "MOMENTO FEMININO" — RIO DE JANEIRO.

CAFÉ COM LEITE

O café com leite é menos tóxico do que o café puro, porque a albumina do leite se combina com o ácido tânico do café, em que se contém o alcaloide deste, isto é, a cafeína. Esta ficará livre, visto como não se combina com a albumina.

O MOINHO A MARGEM DO FLOSS

giao fora de casa e cercou o sr. Stelling para lhe fazer a pergunta que Tom não ousara:

— Desculpe, senhor, mas o sr. Askem não disse que Tom vai ficar aleijado?

— Oh, não, não; respondeu o mestre — Não há perigo.

— E ele disse isto a Tulliver, senhor?

— Não, não se disse nada a ele sobre isso...

— Então eu posso ir dizer?

— Sim, pode. Agora que você lembrou, eu acho que o rapaz está mesmo preocupado. Va ao quarto dele, mas com calma.

O primeiro pensamento de Felipe, quando soube do acidente, foi: — "Sera que Tom fica aleijado? Sera duro para o coitado!" — e as imperdoáveis ofensas que Tom lhe fizera foram apagadas por essa birrada. Ante ela Felipe sentiu que já não estavam mais em estado de nutrir repulsas, pois iam sendo levados numa mesma corrente de sofrimento e de tristeza. Sua imaginação não cogitava de calamidade em si e do seu futuro efeito sobre a vida de Tom, mas sentia bem o provável estado de espírito do companheiro. O rapaz tinha vivido só quatorze anos mas essa idade quase toda, passara sob o jugo irremediável da dureza da sua vida.

— Sabe? O dr. Askem disse que logo você fica bom, Tulliver! — contou ele, quase timidamente, chegando, cauteloso, junto a cama de Tom; — Eu acabo de perguntar ao sr. Stelling, e o professor disse que você pode continuar a andar, como sempre. — Tom olhou-o com essa momentânea parada de respiração consequência de alterações súbitas. Deu um longo suspiro e pôs os olhos sobre o rosto de Felipe, como não fazia há mais de quinze dias. Maggie com o vislumbre duma possibilidade em que não havia pensado antes, sentiu-se presa de novo aborrecimento, pois a simples idéia de Tom aleijado para sempre sobrepujava a certeza de que ele estava livre de tal infortúnio. Abracada ao irmão a menina começou outra vez a chorar.

— Não seja bobinha, Maggie! — disse Tom, ternamente, tornando a sentir-se corajoso, — logo eu fico bom.

— Até breve, Tulliver.

Felipe estendeu a mão delicada que Tom apertou imediatamente com seus dedos fortes.

— Olhe — pediu Tom — fale ao sr. Stelling para deixar você vir aqui algumas vezes, até eu me levantar. Wakem. E você me contará histórias de Robert Bruce, ouviu?

Depois disso todas as horas fora do tempo de aula eram passadas por Felipe com Tom e Maggie. Tom gostava como sempre das histórias de lutas, mas insistia profundamente no fato dos grandes guerreiros, que faziam coisas tão extraordinárias e eram invencíveis, usarem armaduras excelentes da cabeça aos pés o que a seu ver facilitava muito as pelejas. Ele não teria ferido o pé se tivesse um sapato de aro. Com grande interesse ouvia de Felipe uma história sobre um homem que recebera um ferimento gravíssimo no pé, e gritava tanto de dor que os amigos não aguentaram mais e o levaram para uma ilha deserta, deixando-lhe apenas algumas flechas envenenadas com que matar animais para comer.

— Eu não gemit nem um pouquinho, você sabe! — disse Tom

O MOINHO A MARGEM DO FLOSS

155

— e aposto que meu pé eatsva tão ruim quanto o dele. E' covardia, gente!

Maggie, porém, era de opinião que quando uma coisa dói muito e permitido chorar, e era crueldade dos amigos do herói não suportarem o choro. E quis saber se Filoctete tinha irmã, e porque ela não o acompanhara a ilha deserta, para tratá-lo.

Um dia, pouco depois que Felipe contara essa história, estava ele com Maggie na biblioteca enquanto estavam trocando as ataduras do pé de Tom. Felipe estava lendo e Maggie, depois de bofetear em torno da sala, sem nada de especial para fazer, porque logo iria voltar para junto do irmão, foi sentar-se à mesa perto do rapaz, para ver o que ele estava lendo, pois agora eram muito amigos e tinham toda a intimidade.

— Que é que você está estudando de grego? perguntou. — E' poesia, e isso eu posso ver porque as linhas são curtas...

— E' sobre Filoctete — aquele do pé ferido, de quem eu contei a vocês ontem. — respondeu ele, descansando a cabeça na mão, e olhando para a menina como se não estivesse absolutamente aborrecido que ela o interrompesse.

Maggie, com seu jeito absorto, recostou-se, apoiando-se nos braços e escorregando os pés, enquanto seus negros olhos se tornavam cada vez mais fixos e vagos, como se houvesse se esquecido completamente de Felipe e do seu livro.

— Maggie, disse Felipe depois de um ou dois minutos, levantando a cabeça e olhando a menina: — Se você tivesse um irmão como eu, você gostaria dele tanto quanto de Tom?

Maggie parou um pouco, ao ser despertada do seu sonho: — Como?

Felipe repetiu a pergunta.

— Mais ainda! — respondeu ela, imediatamente: — Não, mais ainda também não. Porque eu acho que não poderia gostar mais de você que de Tom. Mas eu havia de compreender tanto — de compreender você...

Felipe corou: quisera experimentar se a menina o estimava apesar da deformidade, e quando ela aludiu claramente ao assunto, ele recalcitrou ante a sua piedade. Maggie, apesar de muito jovem, sentiu o erro praticado. Agira até então como se ignorasse a deformidade do rapaz, pois a sua própria sensibilidade e a experiência das críticas da família eram suficientes para ensiná-la a respeito tão bem como se houvesse recebido a lição mais direta e cabal. E acrescentou, depressa:

— Você é tão inteligente, Felipe, e sabe tocar e cantar! Eu gostaria se você fosse meu irmão. Apreço tanto você! E quando Tom saísse, você ficava comigo em casa e me ensinaria uma porção de coisas — não? Grego, e tudo?

— Mas logo você vai embora, e vai para a escola, Maggie. E se esqueço de mim e nunca mais se lembra se eu existo... E eu só a verei quando você tiver crescido e nem perceber quando eu passar...

— Oh, não diga isso! Garanto que não me esquecerei! protestou Maggie, sacudindo a cabeça seriamente: — Eu nunca me esqueço de nada, e sempre penso nos outros que estão longe. Penso tanto no pobre Yap, que tomou um coice no peito, e Luke disse que vai morrer. — mas não diga a Tom, que vai ficar aborrecido com

SOCIAIS



O dia de amanhã marca o primeiro aniversário de Benjamim Abalae, nosso amiguinho e filho de uma leitora entusiasmada de MOMENTO FEMININO.



No mês de agosto foram as comemorações em agosto, fizeram anos dia 14, Herminia e dia 16, Silvio, nossos amigos e leitores a quem saudamos afetuosamente.

Comemorou seu aniversário a 20 de agosto nossa amiga Jovelina de Carvalho, residente em Botafogo.



A 3 de setembro faz seu primeiro aniversário o garotinho Frederico Lourenço Gomes, filho de Isa e Frederico Gomes, nossos amigos.

TEATRO PELA PAZ

(Conclusão da página 16.º)

encadeada em palavras, poesia marcada em ritmos — tudo música, tudo ritmo, tudo poesia. E' assim João Villaret.

E finalmente, outro quadro de Irene Izidro — "Franklin de Oliveira", uma esplêndida crítica e uma enorme homenagem a um cidadão do mundo — Franklin Delano Roosevelt.

Seria injusto não deixar aqui consignado o encanamento dos corpos, principalmente a "Margarida vai a Fonte" que o homem do charuto tem levado para toda parte. Muita harmonia. Simpáticos os bailados regionais. Extraordinária a caricatura das empregadas e das filhas. A radiodifusão, o telefone e até o flagelo cinematográfico... Não faltou nem o cantador de laços na "fantasia de carne". Sátira e mais sátira em duas horas de um teatro transbordante em conteúdo.

Assistimos o espetáculo com grande satisfação e recomendamos muito esse teatro construtivo, pela paz, pela fraternidade luso-brasileira e pela cultura dos dois países, porque em Portugal, lá está o "Teatro de Variedades" onde o público encontra os artistas que agora nos visitam.

Termina a revista com uma grande saudação ao Brasil. Cada artista e cada conjunto recita uma quadrinha de amor e de ternura. Aqui consignamos as boas vindas de Irene Izidro:

Tronxe-te saudades
Povo fraternal
Duns irmãos distantes
Lá do Portugal

Sempre, em toda peça está bem vivo o carinho e a ternura que os portugueses devotam ao Brasil. Queremos repetir — a Companhia Portuguesa de Revista e Operetas do Teatro Variedades, de Lisboa, realiza uma visita de fraternidade pela paz.

MOMENTO FEMININO

RESPONDA AO NOSSO QUESTIONARIO

É o nosso jornal

Que página prefere?

Gosta do Romance?

Que seção prefere?

Que coisas lhe interessam sejam publicadas?

Qual é a sua opinião?

Quais as suas sugestões?

Nome ou pseudônimo Cidade

Profissão Residência

TARDE DANSANTE

Em benefício da Caixa de Beneficência Santa Terezinha realiza-se dia 12 de setembro das 17 às 21 horas uma tarde dansante na sede do Pietense A.C. à rua Joaquim Martins 513, Piedade.

A festa promete ser das melhores.

TAPETES NOVOS

Deve-se ter muito cuidado com o uso dos tapetes novos, porque para a colocação e endurecimento deles são frequentemente usados substâncias tóxicas, que podem produzir estados doentes, cuja causa, quase sempre, fica ignorada. E' preciso portanto, para evitar tais inconvenientes, expor-se todo o tapete novo, antes de usá-lo, à ação do ar e do sol durante 8 dias, pelo menos.

Vivendo a vida dos bairros

(Conclusão da página 8.º)

anos e está liquidado. No inverno trabalhar à tarde, é um sacrifício. Os banhistas não aparecem e uma vez já propusemos o aumento do horário pela manhã e a dispensa do horário à tarde. Porém até agora continuamos na mesma situação. Nenhum guardas-vidas quer acabar na profissão. Ou arranjam outro emprego ou morrem do coração.

Olhei a praia de águas mortas e perguntei:

— E' o mar que ataca o coração do guardas-vidas?

— Não. E' que nosso coração bate três vezes com força e mete a mão sob o casaco azul-marinho, imitando pulsações fortes, quando es-

cutamos os gritos de "SOCORRO" dos banhistas. Nós olhamos o mar e sabemos que nós é que temos que ir buscar o banhista, com vida. No mês passado um morreu aqui mesmo. Não há coração que agüente.

O outro guarda-vidas continuou:

— As professoras têm férias especiais. Nós também devíamos ter férias no Inverno.

A chuva começa a cair e volto para casa. No caminho encontro o jornalista que apunha os jornais pelo chão. Porque não colocam uma banca de jornais sob a passagem protegida do Casino?

O carteiro aparece sob a chuva e atravessa a feira que está quase deserta.

para a missa das dez e cada Os sinos da igreja chamam dia é maior a sua assistência. Serão os homens que não acreditam mais nos homens e procuram os Deuses?

Essa é a Urca, o bairro cheio de paz sobre a crescente luta silenciosa de seus moradores.

Reportagem de MATILDE

TRATAMENTO DO CASAL ESTERIL CLINICA E CIRURGIA DE SENHORAS DR. CAMPOS DA PAZ FILHO

Ginecol. da CAP da Light — Laureada pela Academia
Med. — Consultas com hora marcada — Edifício Carioca,
sala 218 — às 16 horas — Tel. 42-7556

Conversando com as escritoras

(Conclusão da página 16.º)

me deu. Não creio que isso influencie ninguém. Mas a literatura de verdade pode e deve influenciar. Literatura não é escola, rumo abrir caminhos, mostrar direções?

— 7 —

Quem lê jornais ou revistas algum dia deve ter chegado ao fim de alguma crônica ou reportagem escrita por mim. Conheça mesmo gente minha amiga que me garante que sim. Quando sai coisa assi-

nada por mim em revista, minhas amigas têm no cabeleleiro. E onde mais se lê. Uma cabeleleira normal leva pelo menos 35 minutos para secar. Todas as cabeleleiras dispõem de revistas folheadas, rasgadas, de páginas destacadas a gilete com um modelo de predileção de alguma freguesia sem muitos escrúpulos. E a hora da gente ler os amigos que escrevem em revistas. Mesmo porque não há outro remédio...

Agosto. 48.



A Juventude brasileira e a campanha da paz

NORMA LILIAN

Ainda está bem vivo em nossos corações jovens os momentos terríveis que esta última guerra nos apresentou, sim ainda está bem vivo, os momentos dolorosos com a chegada de nossos pracinhas em que suas mães, irmãs, esposas e noivas ao esperarem no café a chegada deles esperando encontrar o homem sadio e alegre, que partiram para lutar e que em vez de voltarrem fortes e sadios como partiram voltaram apenas trapos humanos. Sim a guerra, juventude brasileira, a maldita guerra que envelheceu os nossos queridos papais, e queridas mães, a guerra em que nos fez levantar muitos vãos de madrugada para entrar nas filas das carnes, dos pães e do aquecer. Eu mesma quantas vezes cansada de estudar até altas horas da noite levantava cedo para entrar nas filas para conseguir um pouco de carne enfiada para mim e para os meus. Nós que somos jovens que tivemos no início de nossa juventude quando nossos corações floresciam para amar as coisas belas da natureza, um início de uma estrada não florida, mas de um caminho tenebroso em que cada esquina onde houvesse um jornaleiro que poderiam vender para nós uma linda revista para nossa hora de recreio, vendia apenas gigantescos jornais, em que cada notícia aumentava mais de horror as notícias dos nossos entes queridos distantes, ou mesmo nossos colegas estrangeiros, esses irmãos criados com tanto carinho por nossos pais, estavam sendo trucidados pelos tiros dos canhões inimigos. E mal terminou a guerra, já os jornais, rádios e mesmo o cinema nos fala em outra possível guerra.

Para que outra guerra? Será para nos trazer o bem? Ah! isto é que não, esta será maior e mais dolorosa do que a outra, sim esta será inclusive a destruição de nosso futuro lar. "Moçinha Brasileira" diante do lar que tanto sonhamos, dê-se lar que será a nossa felicidade de conjugal, lutemos pela paz e pela nossa felicidade, pois uma nova guerra não nos trará o bem, e sim coisas piores do que já nos trouxe, sim porque essa data ainda maior sofrimentos.

Lutemos juventude brasileira. Desmascaremos os instigadores de uma nova guerra que só interessa aos exploradores do povo: que destrua nossos lares. Lutemos contra a guerra para que os lares do amanhã sejam alegres e felizes e não apenas abrigos de nossos futuros maridos mutilados. E' preciso lutar para vencer, porque uma juventude forte e unida vencerá! Nem eu, nem ninguém, eu bem sei, gostaria de ter nova guerra porque amamos a liberdade. Que nos vale um dia de sol, se o sol foi feito para dar vida às flores para alegrar nossos corações que seja um sol que bata e omente em terraços de hospitais cheios de feridos e mutilados da guerra, para aquecê-los do frio, da doença e da fome? Lutemos para que o sol venha nos dar alegria nas praias e nos campos, e não para aquecer terraços de hospitais cheios de doentes.

Lembremos "moçinhas brasileiras" daquelas moçinhas estrangeiras que assistiram de bem perto os horrores da guerra. Elas também amam, sonham, também desejam um lar como nós, elas estão também lutando com nós aqui, para realizar o sonho de todos os jovens. A destruição de lá foi muito melhor do que aqui porque elas ficaram sem casas e sem agasalho.

Junte-mos a elas para conseguirmos a "PAZ" há muito tempo desejada mesmo pelos nossos antepassados e que até hoje não foi conseguida; sim porque não é com a guerra que conseguiremos a paz e a liberdade. A paz, queridas colegas, é a construção e a guerra a destruição, sim a destruição do que com sacrifícios construímos, temos o exemplo dos lares constituídos por nossos pais que também foram jovens como nós, que sonharam como nós sonhamos, estes lares que eles criaram com tanto carinho e amor e que seus filhos que são o fruto bendito de seus trabalhos, foram destruídos por uma guerra de homens que só almejam o dinheiro para encher suas arcas embora esse dinheiro venha com o sangue de nossos pais, nossos irmãos.

Lutemos pois, unimo-nos aos outros jovens e guillemos bem alto os quatro cantos do mundo que não queremos a guerra, que queremos a paz para construir nossos lares de amanhã um lar feliz em que seu venha, por intermédio do sol, abençoar os risos de nossos futuros filhos.



A escritora Elsie Lessa que é também uma jornalista de grande mérito

TEATRO PELA PAZ

SILVIA

Assistindo a Companhia Portuguesa de Revistas e Operetas a gente tem a impressão de que mais um sopro renovador está passando pela muitas vezes mal fadada praça Tiradentes. A platéia carioca desse nosso ambiente parece que não costuma ter consciência de teatro ou assume mais ou menos aquele papel que procuramos esconder, ditado pelas nossas taras ou inspirado em nosso anjo mau. Uma espécie de "pobreza envergonhada". De qualquer maneira há sempre um grande público para os teatros de revista, uma constante negativa educacional e a falta de qualquer iniciativa para elevar um gênero de teatro tão popular.

E' por tudo isso que estamos ressaltando uma bela lição em processo no teatro Carlos Gomes — a revista no seu lugar com a sua condição de teatro. Estamos satisfeitos, nós, as amigas do bom teatro, com a chegada dessa grande companhia tendo como origem um país fraternal pelos anseios de seu povo.

"Alto lá com o charuto" é uma sátira e uma advertência como na peça dizem os artistas de quando em vez: — sabe lá o que é isso? Frase da sabedoria popular e que pode ser dirigida a todos que não assistiram Irene Izidro e os artistas de sua companhia. Uma longa revista em dois atos e muitos quadros, com cenários modernos executados por artistas cultos e inteligentes e sobretudo um belíssimo guarda roupa.

O título da peça é um "slogan" intencional significando certo mau estar sem agressão direta. Por isso mesmo não precisa ter descrição na peça. O homem do charuto deve ser uma figura "breçada" na peça, sempre presente sem ser recebido. Talvez o homem que "contrate espanholas no estrangeiro" ou que tenha corrompido a ingênua Margarida da Fonte. Quem sabe? Tudo está mais ou menos delineado na cabeça do espectador. Irene Izidro ao lado de companheiros excepcionais como Villaret, Antônio Silva e Ribeirinho revela muita coisa ao numeroso público que está vencendo os altos preços das entradas.

Queremos destacar nessa pequena crônica três cenas que mais tocaram a nossa sensibilidade. Irene Izidro nos "Pregões de Lisboa" é qualquer coisa de emocionante! Fica desde logo marcada profundamente o seu valor e o sentido de sua arte vivida na hora presente. Consegue arrancar uma chuva de aplausos comovidos com uma repercussão que deve alentar os sonhos portugueses de paz e liberdade. E' tão realista nessa hora que os amigos do país distante comunicam uma funda vibração que há de construir os nobres ideais dos povos que se entendem. Lá estão os pregões alentadores, os que esmagam e oprimem. O sentimento popular amando os ruídos da cidade, os ruídos da vida, do trabalho, do movimento, da alegria e da compreensão entre os homens de boa vontade. E' neste quadro e nesta dramatização que Irene Izidro reafirma de uma vez a sua posição de mulher e de artista.

O "Fado falado", de João Villaret também é qualquer coisa que tem fundas raízes na alma portuguesa. Essa tocante cristalização do fado impressiona pela virtuosidade do artista mergulhado nos mais íntimos dramas de seu povo, servindo o fado como mensagem. Há uma intensa manifestação de vida, música

(Conclui na 15.ª pag.)

Conversando com as escritoras

Responde ELSIE LESSA

1) POR QUE ESCREVE? 2) QUAE DOS SEUS LIVROS O QUE MAIS LHE AGRADA? 3) COMO VOCE ESCREVE? 4) QUAL O SEU PERSONAGEM PREFERIDO? 5) O QUE PROCURA VOCE EXPRESSAR COM SUA LITERATURA? 6) VOCE PENSA QUE SUA LITERATURA TEM ALGUMA INFLUENCIA? DE QUE ESPÉCIE? 7) QUAL O TIPO DE LEITOR QUE VOCE TEM?

— 1 —

Por que é que a gente tem olhos castanhos, ou perna fina, ou saiu professora, comerciária, ou de prendas domésticas? Acasos, circunstâncias, um pouco mais de jeito para uma que para outra coisa. Bem pensado, acho que escrevo porque sou boa datilógrafa e até hoje tenho uma caligrafia infantil de quem nunca entendeu alinhar palavras, a não ser com o auxílio de um teclado. Honestamente, é só.

Não tive nenhuma "Estrada de Damasco", o que já aconteceu até com o sr. Novelli Júnior...

— 2 —

Só tenho dois. Um publicado e outro por publicar: "Enfermaria de Terceira" e "Maniã Clotilde". Claro que gosto mais do que ainda não saiu.

— 3 —

Já disse: a máquina. E com pressa de acabar, olhando o mar, convidativo, pra lá da janela, esperando que o telefone toque e ponha um fim irreversível ao trabalho do momento, a que me entrego porque sei, evangelicamente sei, que se deve executar uma tarefa a que propôs, bater um prego, regar as plantas, fazer um sapato de crochê, mexer o doce da sobremesa. E sei também, além do evangelho, por experiência própria, que é bom terminar, o melhor que for possível, a tarefa que nos coube.

— 4 —

Não gosto de personagem. Gosto de gente. Não gosto dos meus. Gosto mais dos dos outros. Mas isso é também quase uma injustiça. E tenho que interromper a datilografia para ir procurar no livro o nome que dei a preta Isaura do conto "Vida de negra". Gostava da Isaura. No livro ela era

Rosaura. Porque não sei. Podia muito bem ter ido para a letra de forma com o nome dela mesma. Puro preconceito literário da minha parte. Era preta, moça, alegre, boa quituteira. Meu filho era pequeno, trabalho na casa havia muito e ela se encarregava da maior parte. E trabalhando, conversava. Contava coisas. Cantava sambas. Fazia bolos e confidências. Eu já conhecia todos os "potins" da escola de samba que frequentava aos domingos. Chegava a dar conselhos de consultório sentimental para orientar o seu namoro com o "Grandão", um mulato de óculos pretos. E na segunda-feira de manhã era numa ansiedade de "torcida" que esperava os casos da véspera, junto com o café com leite. Tudo acontecia com a Isaura. Havia nela um excesso de "sexappeal" que lhe atrapalhava a vida e as boas intenções e que acabou levando-a da minha cozinha sabe Deus para que estranhos caminhos. Mas era boa como um pão, com ela mesma dizia. Boa, humilde, sofredora. Tivera um marido, perdera duas filhas. E contava a doença e a morte da pequeninha, destapando o feijão, picando cebola, suando no escovão, as lágrimas correndo na cara lustrosa de preta bonita. Gostava da Isaura...

— 5 —

A vida mesmo. Não é ela que é mais importante?

— 6 —

Tirado o "sua", posso responder. "Minha" literatura, hoje em dia, é jornalismo, reportagem, crônica, coisas que acontecem e que eu conto, vistas através dos olhos e da sensibilidade que Deus

(Conclui na 15.ª pag.)



Irene Izidro, primeira atriz da Companhia Portuguesa de Revistas e Operetas